

CONVICÇÃO, ENTUSIASMO, AUDÁCIA E INICIATIVA,

VOZ OPERÁRIA

N.º 189 ★ RIO DE JANEIRO 13-1-1953

**FATORES DECISIVOS EM LUTA
PELA PAZ E A INDEPENDÊNCIA NACIONAL**

**Quando os Governantes
Assassinos do Povo
Chegando a Hora**

**Está
Abaixo**

**PRESTES
PERIL**

**O GRAVE
A NAÇÃO**

ÃO TERR

1 - O GOVERNO DE VARGAS FAZ UMA POLÍTICA DE GUERRA, COLOCA O BRASIL A REBOQUE DAS AVENTURAS DOS EE. UU. E PREPARA PARA ENVIAR "EM TEMPO ÚTIL" NOSSA JUVENTUDE PARA O TEATRO DE UMA GUERRA NA COREIA OU EM QUALQUER OUTRA PARTE

2 - O SENTIDO DA RESPOSTA A ONU DADA PELO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL

**AS TAREFAS
Libertação**

ELISA BRANCO

Presa e Condenada por ordem de Truman

SERÁ LIBERTADA PELO POVO

Luiz Carlos Prestes

Um programa de ação imediata pela paz

É cada vez maior o número de brasileiros que sente e compreende que a substituição do belicoso método da «guerra fria» nas relações internacionais pela convivência pacífica significa a eliminação das mais graves ameaças que pesam sobre nossos lares e nossas vidas. As leis e acordos inamáveis contra os quais se ergue a consciência patriótica da nação, como a fascista lei de segurança de Estado e o projeto entreguista da Petrobrás e o escravizador acordo militar com os Estados Unidos, revelam brutalmente que a preparação guerrilheira está na base da política interna e externa seguida pelo governo.

Por isso mesmo o candente e humano apelo do Congresso dos Povos para o estabelecimento de relações pacíficas entre os povos através dum Pacto de Paz encontrou eco no coração de milhões de brasileiros. Uma ampla e representativa delegação do nosso povo participou ativa e brilhantemente dos trabalhos do Congresso dos Povos e deu sua colaboração à importante e histórica resolução, que hoje obriga os governos das cinco grandes potências a uma resposta clara e imediata. Em Viena, homens e mulheres falaram livremente expondo os pontos de vista das mais diversas correntes. Nenhum representante foi despojado de suas características nacionais, nem teve que abdicar dos modos de ver e das razões políticas ou filosóficas que representava.

Por todos os títulos, portanto, o apelo dirigido aos cinco grandes exprime as aspirações de nosso povo. Ele encerra um verdadeiro programa de ação popular inteiramente de acordo com seus interesses e necessidades. A emoção e alegria despertada pela entrevista de Stálin demonstram que nosso povo é pela imediata conclusão do Pacto de Paz, o que já demonstrou antes com mais de cinco milhões de assinaturas.

Nós, brasileiros, somos conhecidos no mundo inteiro pela tenaz e vitoriosa resistência que vimos oferecendo ao envio de nossos soldados à desonra e ao massacre na Coreia. Elisa Branco, que é a encarnação da intrepidez e da consciência desta luta, tornou-se a portadora da maior consagração mundial a esse combate, o Prêmio Stálin da Paz. Por isso mesmo o apelo do Congresso dos Povos pela imediata cessação da guerra na Coreia, pela eliminação daquele foco de guerra e o protesto contra o massacre de mulheres e crianças indefesas e a bárbara destruição de cidades e aldeias, é um apelo que encontra o maior apoio no seio das massas de nosso povo.

As resoluções do Congresso dos Povos não de pesar nos debates dos governos porque são a palavra clara e justa dos povos. Tanto maior será sua influência no curso dos acontecimentos, até orientá-los na direção que os povos querem, quanto mais amplo e vigoroso se tornar o movimento em defesa da paz. É nessas resoluções que a luta pela paz encontra sua inspiração e seu programa prático de ação imediata. Divulgá-las ao máximo é o primeiro dever dos que lutam para preservar a paz. Organizações de todos os tipos, personalidades, casas legislativas não de manifestar seu apoio a essas resoluções e contribuir para que elas se transformem em realidade. O povo brasileiro há de se lançar com alegria, certeza de vitória e entusiasmo à luta pela paz, contra a ratificação do acordo militar, pela cessação da guerra na Coreia, pela celebração dum Pacto de Paz.

VOZ DOS LEITORES

“Prestes, Sinto tua Presença em Meu Lar”

Escreve-nos a sra. Maria Angélica Moreira, desta Capital:

«Amigos da VOZ OPERÁRIA: desejando levar as minhas felicitações ao grande brasileiro Luiz Carlos Prestes na passagem do seu 55.º aniversário, peço-lhes a publicação desta cartinha:

Saúdo-te pelo teu aniversário que transcorre neste 3 de janeiro, pensando como tantas outras mães brasileiras no que tens feito por nós e por nossos filhos, sentindo a tua presença no meu lar, no coração de cada brasileiro. Em tua luta incansável, só se coloca contra ti uma pequena minoria de inimigos da pátria, dos homens e das mulheres, das crianças e dos jovens.

Prestes, amigo! Na situação em que o Brasil se encontra, meus filhinhos não têm futuro. Quantas vezes, derramo lágrimas ao vê-los sem escolas e analfabetos, descalços, rotos e doentes. E, agora o governo culpado disso inventa a idéia de mandar soldados para a Coreia, a fim de lutar contra um povo agredido em sua própria casa. Meu filho mais velho, de 20 anos de idade, está ameaçado. Quantas preocupações tive para criá-lo, noites de sono perdidas, sacrifícios enormes para salvá-lo quando por vezes esteve doente, e agora o sr. Getúlio quer mandá-lo para o açougue como também a tantos outros milhares. Mas, eu e outras mães prometemos tudo fazer em tua homenagem para impedir que se realize a vontade dos homens do governo que desejam ensanguentar nossa pátria.

Hoje, sei que não há outro que se tenha batido pelo povo mais do que tu. Acompanho-te ansiosa querendo participar nem que seja um pouco, dessa luta gloriosa. Meu filho mais velho não combaterá o povo coreano mas, tenho a certeza de que ele se baterá sob teu comando contra os nossos inimigos que governam o país e que são a causa do atraso e da ignorância do povo brasileiro. Assim, acho que deve ser o procedimento de todas as mães. Teus artigos e discursos constituem fontes inesgotáveis de confiança para os milhões de brasileiros que

desejam uma vida melhor. E o exército que comanda vai crescendo de dia para dia porque também as mães estão orientando os seus filhos para segui-lo. E, amanhã, quando ele for bastante forte há de derrubar esse governo de ricos que saqueia o Brasil, que traz a carestia para o povo que inutiliza nossos filhos, não só impedindo que eles estudem e se eduquem mas que os procura matar pela fome e nos campos de batalha em defesa dos interesses dos fazendeiros e capitalistas.

Querido Cavaleiro da Esperança! Na passagem do teu 55.º aniversário, faço votos para que esta data se reproduza por muitos e muitos anos a fim de que possas dirigir o triunfo do povo brasileiro em sua luta pela liberdade, pela fartura, pela instrução e pela paz.

Sejamos Dignos de Prestes

O dia 3 de janeiro é para todo o nosso povo uma das datas mais queridas, pois assinala a passagem de mais um aniversário de nosso querido líder, Luiz Carlos Prestes. O povo brasileiro, apesar dos esforços da polícia de bandidos de Getúlio, festeja sempre e por todas as formas esta grande data o prepara com carinho uma justa homenagem ao Cavaleiro da Esperança, fiel discípulo de Stálin.

Prestes, por seus atos, tem demonstrado ser para nós brasileiros o que um pai é para seus filhos. E é justamente por causa de seu profundo amor ao povo que o líder do Partido Comunista do Brasil tem sido tão perseguido e tanto tem sofrido. E chegam inclusive a caluniá-lo. Acusam-no até de não ter amor à sua família. Dizem os senhores das classes dominantes e seus lacaios que por ser Prestes comunista, sua filha nasceu num campo de concentração e a ali foi assassinada sua esposa, como se não fossem eles o próprio mandantes e colaboradores de tão hediondo crimes. «O que esses srs. não dizem é que as idéias defendidas por Prestes proporcionarão a todo o povo, Paz, Pão, Terra, e Liberdade. Muitos dos que o acusam de não ter amor à família, adeptos que são desse regime podre, quantas vezes rezaram e desejaram a morte de seus parentes ricos, ou de seus próprios pais a fim de receberem gordas heranças e gozarem as «delícias» desta falsa democracia cristã.

São tão baixos os sentimentos desses senhores que de nenhuma maneira podem avaliar o verdadeiro valor dos comunistas e sua atuação em defesa do povo e da família. Para Prestes, a sua família não se resume somente em seus parentes. Fazem parte de sua família, em igualdade de condições, todos os trabalhadores e seus filhos que enfrentam a miséria e a fome.

Gostariam os senhores das classes dominantes que o querido Cavaleiro da Esperança seguisse o exemplo do magnata Matarazzo que, numa demonstração de «bondade», gastou milhões de cruzeiros com a festa de casamento de sua filha, dinheiro esse arrancado impiedosamente da boca dos filhos de seus operários.

Os perseguidores de Prestes e de seus companheiros, cegos que estão pelo falso poderio dos imperialistas americanos — esquecem-se da Coreia — julgam que o dia da prestação de contas ao povo não chegará. Não se lembram que na Rússia zarista o povo se libertou e condenou todos os seus inimigos. Seguindo o exemplo do povo soviético, inspirados nos ensinamentos dos mestres e guias dos povos, tendo à frente Prestes, nós brasileiros cedendo nos libertaremos do domínio estrangeiro, do imperialismo ianque. Diante desses fatos quem poderá duvidar de que os inimigos e perseguidores de Prestes e do povo brasileiro irão pagar brevemente por seus crimes?

Para que possamos ser dignos de nosso amado líder, neste 3 de janeiro prometamos lutar com maior vigor pela Paz, pela independência nacional, particularmente contra a ratificação do «Acordo Militar» e por nossas reivindicações mais imediatas, até a conquista definitiva de um regime democrático popular para todo o nosso povo. Que o nosso muito querido Prestes volte para o nosso convívio é o que desejam milhões de trabalhadores.

Salve 3 de janeiro Longos anos de vida para Prestes.»

— (Ass.) Jorge Benitez
— S. Paulo.

Exploração De Operários Em Maringá

«Tem esta carta o objetivo de denunciar perante a nação a miséria que enfrentamos, nós trabalhadores dos Serviços de Engenharia Alfa Ltda., concessionária do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, e que tem sede aí no Distrito Federal, à rua do Carmo n. 6, 11.º andar, sala 9. Esta firma, com uma de suas empreitadas aqui em Maringá, território paranaense, explora terrivelmente cerca de 500 operários, pagando-lhes o salário de Cr\$ 3,00 ou quando muito 4 cruzeiros por hora. O serviço que executamos além de pesado é insalubre, requerendo por isso alimentação abundante. Entretanto não podemos de maneira nenhuma nos alimentar suficientemente em virtude do preço extorsivo

vo dos generos e por termos de comprá-los no barracão da companhia.

Muitos trabalhadores estão com o pagamento retido há 19 meses. Por isso estão sendo obrigados a abandonar o trabalho à procura de um emprego melhor, ficando sem receber os ordenados vencidos. Uns trabalhadores que estavam com o pagamento atrasado de 6 a 10 meses saíram indignados e não tiveram ninguém que os defendesse. Houve um com ilusão na Justiça do Trabalho e procurou os famigerados promotor e juiz de Direito da comarca de Mandaguari que, além de tapiá-lo, chegaram ao ponto de tentar prendê-lo. Essa camarilha de exploradores do povo acabará quando os trabalhadores perderem por completo a ilusão com essa justiça porca e resolverem fazê-la com suas próprias mãos. Onde estão esses lacaios de Getúlio que não vêem crianças de oito anos serem exploradas no trabalho da Alfa?

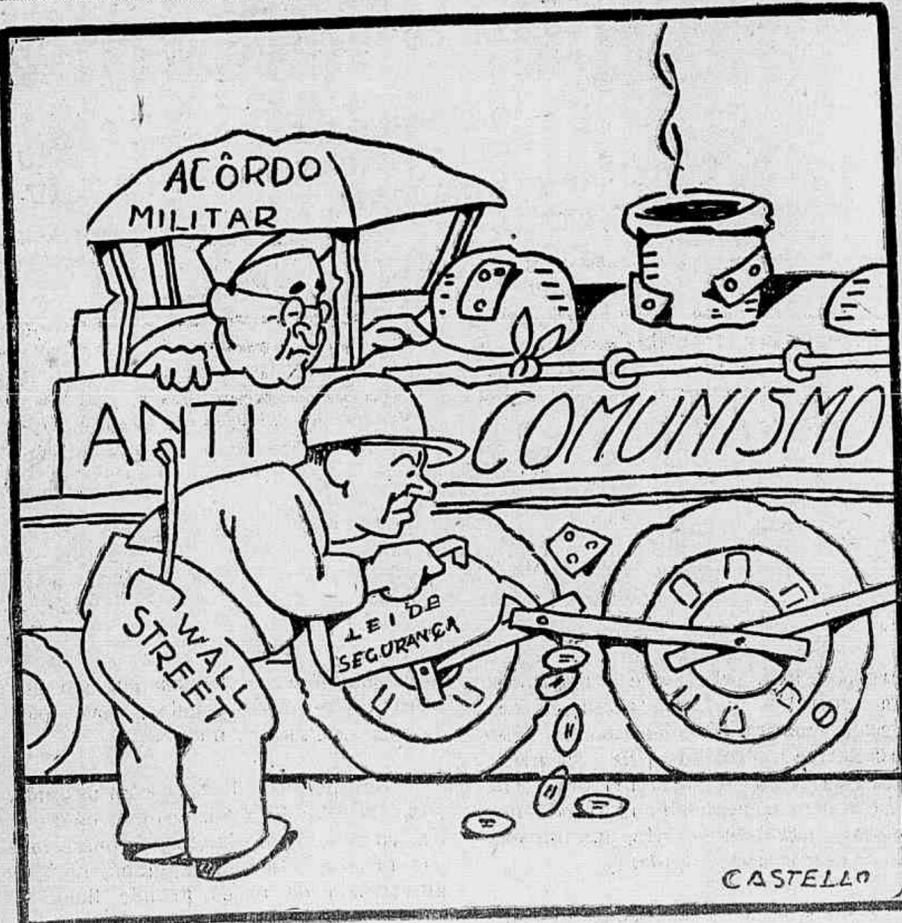
Quero denunciar ainda nesta carta outras irregularidades observadas aqui em Maringá. Trata-se da ganância de certos médicos, que organizados em equipes de três ou quatro erguem verdadeiras arapucas, sujas, todas de madeira, a que dão nomes de «hospitais» como Santa Lucia, Santa Cruz, S. Paulo, São José, etc. De tanto essas arapucas não têm nada. Por falta de dinheiro muitos trabalhadores têm morrido aqui em Maringá, sem que recebam um mínimo de assistência. Há poucos dias um senhor ferido gravemente buscou socorro urgente num destes «hospitais» mas não foi atendido por não haver médico de plantão. O novo prefeito e os vereadores eleitos em Maringá muito prometeram durante a campanha eleitoral. Queremos ver se eles cumprirão metade dessas promessas.

A vista destes fatos, faço um apelo a todos os trabalhadores Unamo-nos formando uma frente de libertação nacional e assim viveremos dias mais felizes e tranquilos, sem provocadores de guerra. Abaixo esse regime de guerra. Abaixo esse regime podre, composto de lacaios.

(Ass.) Pedro Righetti»

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável	
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA	
MATEIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712	
SUCURSAS	
SÃO PAULO	Rua dos Estudantes, 24 - Sala 29;
P. ALEGRE	Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl 28
RECIFE	Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Snel;
SALVADOR	Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo;
FORTALEZA	Rua Barão do Rio Branco, 1248 - Sl 22
ASSINATURAS	
Annual	Cr\$ 60,00
Semestral	Cr\$ 30,00
Trimestral	Cr\$ 15,00
N.º Avulso	Cr\$ 1,00
N.º atrasado	Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - REFINÉ - PORTO ALEGRE - SALVADOR - BELEM.	



Bandeira de Prestes, Bandeira da Paz E da Independência Nacional

Maurício GRABOIS

HA dias, em entrevista ao «Diário da Noite», o conhecido agente do imperialismo norte-americano, Goes Monteiro, lançava grosseiros e insultuosos ataques à Coluna Prestes. Destilando ódio contra as forças populares, esse general reacionário e fracassado procurava negar a indiscutível façanha militar que foi a Grande Marcha. Por que passados já vinte e cinco anos da epopéia da Coluna Invicta, essa sinistra e proeminente personagem das forças da reação no país se volta com tanto furor contra esse feito incomparável e sem precedentes na história militar brasileira?

As declarações do fascista Goes Monteiro tentando denegrir a Coluna Prestes são bem um índice do momento histórico que vivemos. Revelam o grau de desespero a que chegaram os latifundiários e grandes capitalistas que esfomeiam e oprimem o povo brasileiro e vendem o país aos plutocratas ianques. Em face do impetuoso crescimento da luta pela paz e pela libertação nacional no Brasil, o governo de traição nacional de Vargas e a camarilha militar fascista que ocupa os postos-chaves da máquina do Estado, não só empregam o terror e o arbítrio contra os patriotas e democratas como recorrem a todo um arsenal de infâmias e calúnias para atingir os líderes populares. A entrevista de Goes Monteiro visava macular o no-

me da maior figura da história política do Brasil contemporâneo com intuito de deter a marcha ascendente do movimento de milhões de brasileiros pela felicidade e o bem-estar, em defesa da paz e pela libertação do país do jugo imperialista norte-americano.

Prestes é o centro para onde convergem os ataques dos inimigos de nosso povo. Os imperialistas norte-americanos e seus lacaios nacionais não descansam. Caluniam e mentem sem cessar. Articulam provocações, espalham infâmias procurando desesperadamente confundir as massas. Ora fala um reacionário empedernido como Goes, atacando a Coluna Invicta, ora é «Visão», revista editada pelos trustes ianques, que proclama aos quatro ventos que Prestes não mais dirige o PCB. Hoje é o sensacionalismo de «O Cruzeiro», sobre um pretenso exército comunista, dirigido por Prestes, amanhã é o imundo pasquim «socialista» «O Popular», noticiando «divergências» entre Prestes e outros dirigentes do seu partido. Nessa tarefa inglória mobiliza-se o que há de mais podre, o lixo de uma sociedade que se decompõe. São os Assis Chateaubriand, os Carlos de Lacerda, os Velasco, os Crispim e toda uma coorte de policiais, provocadores e renegados. Uma extensa cadeia de publicidade lança em vão, dia e noite, montes de lama contra a pessoa intangível do camarada Prestes.



Onde estão as promessas de 1930? Que diferença entre o que se dizia e prometia em 1930 e a tremenda realidade já vivida dentre cinco anos getulianos?

Ao fazer tal desmascaramento Prestes indicava o justo caminho para o povo, o caminho da conquista de um governo do povo contra o imperialismo e o feudalismo e que demonstrará na prática as grandes massas trabalhadoras do país e que são a democracia e a liberdade.

Coerente em sua ação política, fiel aos princípios, o camarada Prestes e o seu partido — o P.C.B. — continuam sem vacilações na luta pela libertação nacional e por um novo governo, por um governo do povo. Nesses longos anos de duras repressões contra o imperialismo e a reação, na base dos acertos e dos erros, o partido do proletariado e o seu chefe adquiriram uma grande experiência. Baseado nessa experiência e levando em conta as novas condições surgidas no mundo depois da segunda guerra mundial, o camarada Prestes desfralda hoje em nossa Pátria a bandeira da paz e da libertação nacional. No seu manifesto de 1º de agosto de 1950 conclama mais uma vez a nação a resolver os seus problemas fundamentais e indica de maneira clara e precisa o caminho a seguir:

«Precisamos libertar o país do jugo imperialista e pôr a baixo a ditadura de latifundiários e grandes capitalistas, substituir o governo da traição, da guerra e de terror contra o povo pelo governo efetivamente democrático e popular.»

tes para a Revolução brasileira. É justamente essa luta permanente do camarada Prestes pela efetiva solução dos mais candentes problemas brasileiros; por derrotar os responsáveis pela atual situação de atraso, fome e miséria que impera no Brasil; por indicar uma clara perspectiva para as massas populares de um novo poder, que sempre diferen-

ciou o chefe do P.C.B. dos políticos das classes dominantes e fez de Prestes o líder amado e acatado pelo povo. Foi essa orientação consequente que permitiu e deu autoridade ao Cavaleiro da Esperança para no seu manifesto de 5 de julho de 1935 desmascarar a Vargas que, em 1930, fizera promessas as mais mirabolantes.

A conquista desse governo democrático e popular é um objetivo político essencial e para a luta pela consecução desse objetivo é preciso ganhar as grandes massas da população. Ao desenvolver as lutas pelas reivindicações políticas e econômicas das massas trabalhadoras das cidades e do campo é imprescindível ajudá-las a compreender, pela própria experiência, a necessidade de um novo poder, que entregue a terra aos camponeses, que realize reformas indispensáveis ao progresso do país, que assegure o bem-estar dos trabalhadores, que garanta a educação e a cultura para o povo, que leve a cabo uma política independente e de paz.

Na atual conjuntura, de ameaça crescente de guerra por parte do bloco imperialista ianque-britânico, quando o nosso povo se vê ameaçado de ser envolvido em uma nova carnificina mundial e sofre as tremendas consequências da política de militarização do governo de traição nacional de Vargas, a luta pela paz é a nossa tarefa central e decisiva. «Mas, — ensina o camarada Prestes em seu último informe — lutando pela paz, pelos interesses vitais e imediatos das massas e contra o imperialismo americano, lutamos, simultaneamente, por um governo democrático-popular.»

Esta é uma tarefa básica que deve estar sempre presente em nossa atividade. Os dois anos de governo

de Vargas, anos de grandes lutas das massas populares e da classe operária por suas reivindicações sentidas, pusseram a nu a sua demagogia, mostraram quanto eram mentirosas as suas promessas e revelaram de corpo inteiro o caráter de guerra, anti-popular e anti-operário desse governo de traição nacional.

As massas trabalhadoras, tanto no Rio Grande do Sul como em São Paulo, tanto no Distrito Federal como no Nordeste, sentiram na própria carne o que é a política de fome e terror de Vargas. Os homens do povo que ainda alimentavam ilusões em Vargas retiraram sua confiança nesse opressor do povo brasileiro e se voltam cheios de esperança para o camarada Prestes.

Na data em que Prestes completa 55 anos o seu prestígio cresce sem cessar. Prestes é para o povo a luz que ilumina a sua luta e a certeza na vitória final de sua causa. Por isso mesmo, mais do que nunca, a solução apresentada por Prestes, por um governo democrático-popular, deve ser levada às grandes massas.

Sem perder a ligação com as massas, estreitando mais e mais os nossos vínculos com elas, sem querer impôr nossas soluções, ergamos, no 55º aniversário de nosso grande líder, a bandeira da paz, da independência nacional, por um governo democrático-popular.

TUDO isso se verifica porque Prestes simboliza no país a luta do povo pela paz e independência nacional. E essa campanha infame assume tal intensidade e proporção porque Prestes além de ser a bandeira dessa luta é o guia incontestável de todos os que em nossa terra se empenham na conquista da paz, do pão e da liberdade.

A fúria do imperialismo, dos latifundiários e dos grandes capitalistas contra o camarada Prestes não tem limites. Mas, em contraste com isso, nenhuma figura em nossa história foi tão amada e exaltada pelas massas populares como Prestes. A ódio que aumenta o ódio dos opressores e exploradores contra o Cavaleiro da Esperança cresce o carinho e o amor do povo brasileiro por seu abnegado líder.

Prestes, por seu devotamento à causa do povo, por sua capacidade genial e pelo seu desprendimento sem par conquistou o posto de maior dirigente popular do país, de chefe do proletariado. A partir de 1922 tem sido a figura central da história de nosso povo. Desde então o seu nome está indissolúvelmente ligado a todas as lutas do povo brasileiro por sua emancipação. Essa posição que Prestes ocupa no cenário político brasileiro não é fruto do acaso. Ela não resulta somente de seus superiores atributos morais — coragem, tenacidade, firmeza de carácter, abnegação e outras qualida-

des essenciais que nele foram aperfeiçoadas e desenvolvidas — mas, fundamentalmente, por indicar ao povo o caminho acertado para se livrar para sempre de toda espécie de exploração e opressão e por ser o comandante para todas as situações, o guia e educador por excelência da classe operária e das massas populares.

Prestes não aponta para as massas medidas demagógicas. Pugna pela solução efetiva dos problemas do povo brasileiro. Quando à frente da Coluna Invicta percorria os sertões do Brasil, lutando pela liberdade e ainda não tinha consciência de como enfrentar as questões básicas do país, Prestes procurava com persistência o caminho para resolver a situação de fome, miséria e opressão a que se acha submetido o nosso povo. É o próprio camarada Prestes, diante do Conselho de Justiça Militar, que afirma:

«Havíamos visto o problema mas não estávamos em condições de resolvê-lo. Era necessário estudar, investigar sinceramente as causas de tanta miséria a fim de podermos chegar a uma solução que satisfizesse a nossa razão.»

Prestes encontrou essa solução através da justa aplicação do marxismo-leninismo à realidade brasileira. Abracando a ciência social do proletariado, assimilando as idéias geniais de Marx, en-

gels, Lenin e Stálin, pôde mostrar às massas a saída para os problemas da Revolução brasileira. Prestes foi ao fundo da questão. Já em seu manifesto de maio de 1930, em plena agitação demagógica desenvolvida pela Aliança Liberal, proclamava:

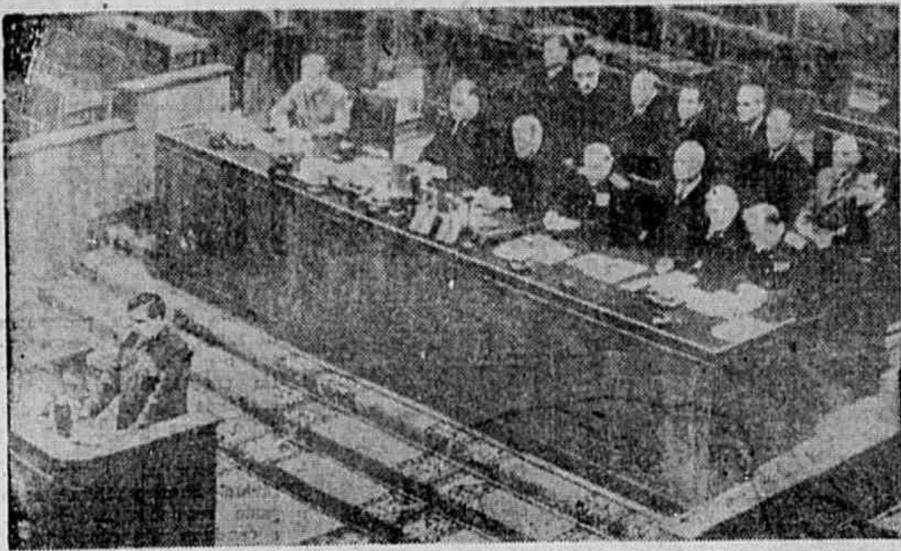
«A revolução brasileira não pode ser feita com o programa anódino da Aliança Liberal. Uma simples mudança de homens, o voto secreto, promessas de liberdade eleitoral, de honestidade administrativa, de respeito à Constituição, de moeda estável e outras panaceias, nada resolvem nem podem de maneira alguma interessar e grande maioria de nossa população, sem apoio da qual qualquer revolução terá o caráter de uma simples luta entre as oligarquias dominantes.»

E mais adiante indicava Prestes a verdadeira rota para o povo:

«A verdadeira luta pela independência nacional deve, portanto, realizar-se contra os grandes senhores de terra e contra o imperialismo.»

Desde então, a luta para derrotar os inimigos mortais do povo brasileiro — o imperialismo, os latifundiários, e a grande burguesia — tem sido a constante do maior líder popular de nossa história. É verdade que o esforço por atingir esse objetivo, por várias circunstâncias, muitos erros foram cometidos pelas forças democráticas. Isso, no entanto, não obscurece a contribuição histórica de Prestes.

ACONTECIMENTOS DO ANO QUE PASSOU



APÓS 13 ANOS — cheios de acontecimentos decisivos para a vida do País do Socialismo — reuniu-se o XIX Congresso do Partido Comunista (b) da URSS. Foram doze dias que trouxeram permanentemente voltadas para Moscou as atenções do mundo. A ordem do dia constou de cinco pontos: o informe sobre o trabalho do Comitê Central, por J. Malenkov; o informe sobre o trabalho da Comissão Revisora do C.C., por P.G. Moskatov; diretrizes do Congresso sobre o V Plano Quinquenal, por M. Z. Saburov; modificações nos Estatutos do Partido, por N. S. Krutchev e eleição dos órgãos centrais do Partido. Stalin pronunciou um luminoso discurso no encerramento. Grandes perspectivas para a construção do comunismo foram abertas. A causa da paz se fortaleceu. Este flagrante histórico focaliza a presença de Malenkov na tribuna; à esquerda o grande Stálin.



Eisenhower, apresentado pelo Partido Republicano, vence as eleições nos Estados Unidos, à base da promessa de acabar com a guerra na Coreia



Os Jogos Olímpicos de Helsinqui, reunido atletas de todo o mundo, foram também uma manifestação da vontade de paz dos povos. Participando de tais jogos pela primeira vez, a URSS conquistou o primeiro lugar, em igualdade com os Estados Unidos. Entre os atletas que mais se destacaram figura o soviético Vitor Tchukarin, que conquistou quatro medalhas de ouro e duas de prata.



A Conferência Econômica Internacional (Moscou, 3 a 12 de Abril), agrupando homens de negócio, economistas, financeiros, líderes sindicais de numerosos países, foi uma grande contribuição para a paz, abrindo brilhantes perspectivas para a mais ampla cooperação econômica entre todos os países. No clichê, delegados italianos à Conferência, numa exposição de máquinas soviéticas.

“Salvai as Vidas dos Rosenberg!”

O RECONHECIMENTO, PELO JUIZ KAUFMANN, DO DIREITO DE APELAÇÃO — A PRIMEIRA VITÓRIA DOS PROTESTOS ERGUIDOS PELOS POVOS. COMPLETE-LA, COM A ANULAÇÃO DA SENTENÇA DE MORTE, É DEVER URGENTE DE TÓDAS AS PESSOAS HUMANITARIAS

O JUIZ federal Irving Kaufmann de New York, declarou ao advogado Emmanuel Bloch, patrono da causa de Julius e Ethel Rosenberg, dois inocentes condenados à morte: «Tendes o direito de apelar ao Presidente e conceder-vos-ei o tempo necessário para o fazerdes.»

Esta notícia foi como um raio de luz sobre os corações cheios de apreensão e angústia de milhões de criaturas em todo o mundo. Anteriormente, nada havia sido o frio e brutal comunicado da Suprema Corte dos Estados Unidos: «Entre 12 e 17 de janeiro os esposos Rosenberg serão conduzidos ao suplício.»

Que razões terão levado o juiz Irving Kaufmann, o mesmo que ditou a monstruosa sentença de morte para os Rosenberg, a tomar tal decisão? Por que esse recuo da justiça de Lynch? Qual a causa dessa mudança de posição por parte da justiça que mandou electrocutar Mac Gee, o negro inocente, justiça mesma que há 25 anos assassinou dois homens sem culpa, Sacco e Vanzetti?

A resposta a essas perguntas vamos encontrá-la no clamor sempre mais forte que se ergue em todos os países contra a inominável condenação à morte do casal Rosenberg. Acusam-nos de haver feito espionagem. Mas, os acusam sem provas, sem uma prova sequer. Acusam-nos contra toda evidência dos fatos, porque os fatos os inocentam. Acusam-nos sobre uma base extremamente frágil: o depoimento de David Greenglass, cunhado de Julius, irmão de Ethel. Coagido pelo F.B.I. — a famigerada polícia secreta americana —, ameaçado ele mesmo de condenação a morte, Greenglass escolheu o caminho da ignomínia para escapar à cadeira elétrica, acusando gratuitamente os próprios irmãos! Eis aí, em poucas palavras, toda essa história suja e sinistra que hoje comove e mobiliza a consciência do mundo.

A decisão do juiz Irving Kaufmann representa a primeira vitória dos protestos erguidos em toda a terra con-

save the lives of the ROSENBERGS



WRITE-WIRE PRES. TRUMAN FOR CLEMENCY

JOIN NATIONAL CLEMENCY AND PRAYER GATHERING

WASHINGTON, D.C.

SUNDAY and MONDAY, JANUARY 4-5, 1953

INFORMATIONAL NATIONAL COMMITTEE TO SECURE JUSTICE IN THE ROSENBERG CASE — 1050 6th AVE., NEW YORK

ESTE CARTAZ, LANÇADO PELO Comitê Nacional Pró-Justiça aos Rosenberg, com sede à Sexta Avenida, 1050, em New York, está sendo amplamente difundido nos Estados Unidos, onde é cada vez mais poderoso o movimento de solidariedade ao casal Rosenberg. Eis o que diz o cartaz: «Salvai as vidas dos Rosenbergs — Escrevei, telegrafai ao presidente Truman solicitando clemência — Aderi ao congregarmento nacional para pedir clemência. Washington, D. C., domingo e segunda-feira, 4 e 5 de janeiro de 1953.»

tra a preparação do crime. E' preciso completá-la.

E' necessário levar Truman a anular essa sentença de morte. Que a Casa Branca seja inundada por uma torrente de cartas, telegramas, mensagens, abaixo-assinados, solicitando clemência para os Rosenberg.

Julius e Ethel Rosenberg estão vivendo um drama que é o mesmo de centenas de milhões de pessoas em to-

da a terra. Querem sacrificá-los para que seja justificada a histeria guerreira. Impedir que isto se consuma é conquistar uma vitória para a paz, é fazer com que prevaleça o nobre e generoso sentimento da solidariedade humana.

Dirigi-vos, sem perda de um minuto, ao PRESIDENTE TRUMAN, CASA BRANCA — WASHINGTON, D.C. — ESTADOS UNIDOS.

CRÔNICA INTERNACIONAL

ARDENTE APOIO DOS POVOS ÀS PALAVRAS DE STÁLIN

O mundo inteiro recebeu com emoção e alegria as declarações do grande Stálin em resposta ao questionário do chefe do departamento diplomático do jornal americano «New York Times», sr. James Reston. As palavras claras, simples e concisas de Stálin não deixam margem a dúvidas e tergiversações. Pela voz de seu grande chefe, a União Soviética mais uma vez oferece o exemplo do espírito de negociação.

A perspectiva de um próximo encontro Stálin-Eisenhower para pôr termo à guerra fria e apagar o foco de incêndio ateados pelos fazedores de guerra na Coreia ergueram as esperanças de todos os povos. A repercussão foi enorme em todos os países do globo, particularmente naqueles onde se faz sentir mais brutalmente a política de preparação guerreira. Na França, o jornal conservador «Le Monde» foi obrigado a deslocar para a segunda página o noticiário sobre a crise governamental deflagrada com a queda do gabinete Pinay, para reservar o espaço da primeira página à entrevista de Stálin. Em Roma, as palavras de Stálin foram consideradas como «um presente de Natal para o mundo». A reação britânica se exprime no esforço de Churchill para participar do encontro. A propósito, comenta-se que a viagem precipitada do «premier» inglês aos Estados

Unidos poderia ser considerada inoportuna em outras circunstâncias. Mas, ante a perspectiva do encontro Stálin-Eisenhower a viagem de Churchill, quando um governo expirante já nada mais pode acertar com ele e o novo governo ainda não assumiu, é perfeitamente explicável.

Multiplicam-se as conjecturas sobre o local da conferência, tendo o prefeito de Capri pôsto aquela ilha turística à disposição desse fim. Ao mesmo tempo, círculos diplomáticos nos Estados Unidos reconhecem que uma negativa de Eisenhower o colocaria em situação difícil diante dos seus próprios eleitores.

De um modo geral, consideram esses círculos que a entrevista poderia ser preparada em poucas semanas. Foster Dulles, já escolhido para o pôsto de Secretário de Estado no governo Eisenhower, teve que vir a público para declarar que «propostas concretas» seriam encaradas «seriamente»

e não encontrou meios de opor uma negativa formal e aberta à possibilidade de um entendimento direto entre os dois chefes de Estado.

A imprensa de todos os países e de todas as tendências é de um modo geral unânime em reconhecer que as declarações de Stálin são inteiramente coerentes com a política invariável da URSS fundamentada no princípio leninista da coexistência pacífica. Ao se tornarem veículo, às vezes involuntário, da enorme repercussão da entrevista de Stálin, esses jornais rendem tributo ao fato de essa política ser apoiada entusiasticamente pelas massas populares de todos os países do mundo.

É claro que não poderiam faltar os comentários hostis às declarações de Stálin. De onde partiram essas vozes discordantes? Uniram-se para hostilizar o desejo de paz dos povos o porta-vozes do bandido Franco, os escribas do sanguinário

fascista Tito e os vermes repulsivos do bando de Singman Ri. Esses fascistas batem na tecla desmoralizada da «propaganda soviética» e mostram sua verdadeira face de traidores de seus povos, que só podem se manter momentaneamente de pé escorados pelas baionetas americanas.

As alegações de que o problema da paz não pode ser resolvido apenas por dois homens ou dois Estados não resistem ao menor sopro da mais leve crítica. Não passa pela cabeça de nenhuma pessoa sensata a idéia de que um encontro de Stálin com Eisenhower resulte em amordaçar povos e governos. Ao contrário, tal encontro se destinaria precisamente a dar corpo à possibilidade de todos os povos e governos ajustem seus próprios assuntos internos e externos de acordo com seus interesses e soberanas aspirações, livres da carga da preparação guerreira. Outro tipo de alegação capciosa é a que afirma que a entrevista de Stálin desorganiza os planos em curso e em elaboração. Quanta fingida ignorância! Pois o de que se trata é exatamente de sustar as ações guerreiras e impedir que os atuais focos de guerra se alastrem. Essa é justamente uma das causas do regozijo mundial pelas declarações de Stálin.

O Camarada Prestes E o Nosso Partido



João AMAZONAS



NO dia 3 de corrente o camarada Prestes completa seu 55º aniversário natalício. É uma data querida ao nosso povo que vê em Prestes seu mais fiel e dedicado amigo. É uma data particularmente cara aos comunistas que têm em Prestes um chefe, um mestre, um guia de extraordinário valor. Prestes é o grande exemplo de luta, de firmeza revolucionária e de amor ao povo que todo verdadeiro comunista deseja ardentemente seguir.

Ao escrever sobre Prestes, na oportunidade de seu aniversário, nosso pensamento se dirige para os problemas do Partido. Ninguém mais que Prestes tem colocado na ordem do dia a questão essencial da construção do Partido. Ninguém mais que ele tem contribuído para levar essa compreensão às fileiras de nosso Partido. Seus informes e artigos estão impregnados da preocupação constante pelo reforçamento orgânico, político e ideológico do Partido.

Não é por acaso que o camarada Prestes tanto insiste na realização desta tarefa. Ele compreende profundamente o papel do Partido, sabe que os êxitos na luta de nosso povo contra o opressor imperialista e as sobrevivências feudais, dependem, antes e acima de tudo, da existência de um poderoso Partido Comunista.

Sem dúvida, temos um Partido combativo, lutador incansável pela causa do povo. Sem temer sacrifícios nem perseguições de qualquer natureza, nossos militantes por toda a parte procuram servir o povo, ajudá-lo em suas lutas, orientá-lo acertadamente. São inúmeros os exemplos de heroísmo em nossas fileiras que encham de orgulho revolucionário os militantes comunistas. Por isso nosso Partido torna-se cada vez mais respeitado e admirado pelas grandes massas. O nome do camarada Prestes é esperança do povo, sua bandeira de luta.

Mas a combatividade e o espírito de sacrifício, apanágio de todo partido revolucionário, não significam tudo. Grandes tarefas exigem um grande Partido. Embora combativo e crescendo continuamente, nosso Partido é ainda relativamente pequeno. Com o ascenso das lutas de massas e o próprio aumento da influência do Partido entre as massas que reclamam a direção comunista, maiores e mais complexas são as nossas tarefas, o que exige um partido forte e numeroso.

Há militantes que se sentem assoberbados pelas tarefas: devemos ajudar as massas trabalhadoras e populares a conquistarem suas reivindicações imediatas; devemos contribuir para estender mais e mais o movimento dos partidários da paz e para impedir que os soldados brasileiros sejam enviados à Coreia; precisamos mobilizar o povo contra o Acórdo Militar que amarra nosso país ao carro de guerra dos imperialistas americanos; devemos desenvolver a ação patriótica contra a entrega do nosso petróleo à Standard e contra a venda do país aos banqueiros ianques; devemos ajudar o povo a defender suas liberdades e a exigir a revogação da lei de segurança; precisamos trabalhar ativamente para organizar e unir a classe operária e outras camadas da população; precisamos ampliar a divulgação de nossa imprensa; devemos conquistar as grandes massas para a frente democrática de libertação nacional, para a solução revolucionária dos problemas brasileiros!

Sim, são tarefas do nosso Partido, múltiplas e complexas. Por isso mesmo é necessário um Partido numeroso, organicamente consolidado, forte ideologicamente. Por isso mesmo o camarada Prestes adverte que é necessário colocar o Partido «na altura de suas crescentes tarefas e de suas enormes responsabilidades».

O crescimento do Partido, como o seu próprio funcionamento, é ainda bastante subestimado. Há teorias errôneas entre alguns militantes sobre o recrutamento. Por exemplo: que devemos ser um partido de poucos, mas bons; ou então, que ninguém deve ingressar no Partido sem fazer antes um estágio mais ou menos longo; idéias semelhantes prejudicam seriamente o desenvolvimento do Partido, que precisa

recrutar os melhores filhos da classe operária e do povo. Surgem da incompreensão de que o Partido é o motor do movimento de massas. O movimento de massas não pode se desenvolver plenamente, ganhar consistência e firmeza sem que existam nas principais concentrações proletárias e populares organizações dinâmicas do Partido, estreitamente ligadas às massas.

Em seu informe de fevereiro de 1951, onde traçou magistralmente a tarefa central e decisiva dos comunistas, o camarada Prestes salientou a necessidade imperiosa de multiplicarmos as forças do Partido.

«É preciso — assinalou ele — redobramos de esforços no sentido de criar e consolidar bases do Partido nas grandes empresas e nas grandes concentrações de assalariados agrícolas e de camponeses. É através da criação de novas células nas grandes empresas e por meio do recrutamento planejado, especialmente entre os setores decisivos da classe operária que mais rapidamente melhoraremos a composição social do Partido e que aumentaremos nossa influência sobre as parcelas mais consequentes do proletariado».

(PROBLEMAS n.º 39).

Esta, uma indicação precisa do camarada Prestes sobre a necessidade do recrutamento. Ampliar mais e mais as fileiras do Partido é uma preocupação constante do camarada Prestes e, assim, uma tarefa que se impõe a todos os militantes comunistas, tarefa inseparável da sua ação cotidiana entre as massas.

Evidentemente não se trata apenas de recrutar, de zelar pelo crescimento quantitativo do Partido. O camarada Prestes ensina que a assimilação da teoria revolucionária é de importância primordial para o reforçamento do Partido.

«Nosso Partido só poderá cumprir sua missão de organizador e dirigente da luta revolucionária — diz Prestes — só poderá avançar com passo firme e conduzir nosso povo para a frente na luta pela independência nacional do jugo imperialista e a conquista da democracia popular na medida em que efetivamente possua a teoria revolucionária do movimento operário e consiga dominar a teoria marxista-leninista-stalinista».

(PROBLEMAS, n.º 31)

A teoria revolucionária é a bússola que norteia a atividade do Partido. Sem a teoria revolucionária o Partido ante as massas, não pode orientar-se com justiça. Por isso impõe-se o estudo sistemático do marxismo em nossas fileiras, a intensificação da vida ideológica no Partido. Os militantes novos que vêm ao Partido só poderão ser conquistados definitivamente para a Revolução na medida em que forem assimilando os fundamentos da doutrina revolucionária do marxismo. Quanto mais compreendam os objetivos da luta em que se empenham, melhor realizarão suas tarefas, serão capazes de tomar inúmeras iniciativas, cumprirão com entusiasmo seus deveres de membros do Partido. O Partido tem o dever não somente de educar seus militantes, mas de disseminar o marxismo entre as grandes massas. As idéias se transformam em força, segundo Lenin, quando penetram na cabeça das massas.

Indica-nos, assim, o camarada Prestes a necessidade de trabalharmos mais e melhor pelo reforçamento do nosso Partido. Trabalharmos para colocá-lo à altura das grandes tarefas que a situação presente nos impõe. A preocupação neste sentido do camarada Prestes é a preocupação de um marxista. O Partido é o instrumento fundamental da luta revolucionária de nosso povo. Só o Partido pode guiar as grandes massas pelo caminho justo da libertação nacional, da democracia popular.

Sentimo-nos felizes de ter à frente do nosso glorioso Partido, um revolucionário da têmpera de Prestes. Que viva muitos anos o camarada Prestes para conduzir com mão firme nosso Partido e nosso povo à luta e à vitória, à conquista de uma Pátria livre, próspera e feliz.



ELISA BRANCO

O VALOR E O HEROISMO Estão na Luta Pela Paz

Estocolm de MORAIS

A notícia chegou, espalhou-se rapidamente e encheu de alegria e orgulho o coração de milhões de brasileiros. Partilhámos, todos e todas, nos lares e nas fábricas, da emoção que arrancou lágrimas de felicidade dos olhos de Elisa Branco por ter recebido a grande honra, a maior de nosso tempo, o Prémio Stálin da Paz. De milhares de bocas saiu a mesma exclamação: «Que escolha acertada». Pois é unânime o sentimento nacional em afirmar que Elisa Branco, a mulher simples e heroica, soube exprimir o ódio profundo de todo o povo, de todas as mães contra a guerra selvagem dos imperialistas americanos contra o povo glorioso e indomável da Coreia pequenina e invencível.

Os soldados nos quartéis não de se lembrar da emoção que sentiram seus companheiros de farda quando desfilavam pelo vale do Anhangabará, naquele inesquecível Sete de Setembro de 1950. No meio da multidão ergueu-se aquela faixa que demonstrava o quanto o povo ama seus filhos e irmãos nas fileiras. «Os soldados, nossos filhos, não irão para Coreia». Depois, quando Elisa contou o seu feito ao jornalista do povo, ao sair da prisão, ficamos sabendo que no princípio houve protestos. A faixa parecia perturbar a visão da parada militar, do garbo dos jovens soldados. Mas os protestos se transformaram em aplausos os dizeres da faixa percorreram a multidão, quando o povo soube do que se tratava. A faixa gloriosa correu o Brasil e se tornou conhecida no mundo inteiro. O nome de Elisa Branco transformou-se na expressão eloquente da vontade nacional, sua frase de combate passou a pertencer ao povo que se apossou dela. Não, não iremos para a Coreia.

Esta luta de todos os brasileiros não tem sido em vão. Agora mesmo, no memorável e grandioso Congresso dos Povos Pela Paz, nossos delegados — homens e mulheres de todas as correntes, profissões, religiões e partidos — puderam aparecer de cabeça erguida de-

ante dos representantes de 85 nações. Nenhum brasileiro está na Coreia. Nossa bandeira não foi enxovalhada. Nossa honra não foi enlameada. Nossos lares não foram maculados nem insultados. Até agora os negociantes de sangue humano vêm sendo derrotados sistematicamente. E não arre-damos pé do combate. Ai está o acórdo militar que se destina a promover o envio dos soldados, nossos filhos, para a Coreia. Os protestos do povo — e o lema de Elisa Branco foi novamente repetido por milhões impediram sua ratificação na Câmara. Os inimigos do povo foram derrotados na primeira investida. Não temos dúvidas. Eles prepararam novos botões, novas manhas e traições. A batalha principal ainda está para ser travada. Mas nós a travaremos com espírito ofensivo de vitória, com o animo firme que só dão as causas justas. Não abandonaremos jamais a faixa de Elisa Branco. O prémio Stálin da Paz, Elisa o recebe em nome de 50 milhões de brasileiros. Ele não é só prémio. É também a responsabilidade. É flamula que se prende na faixa histórica. E nós honraremos essa flamula e continuaremos merecendo a distinção de ver filhos queridos do povo premiados com o nome de Campeão da Paz pela segunda vez.

Elisa Branco é a própria imagem das pessoas simples. Ela tornou-se notável e famosa realizando as tarefas honradas e duras de combatente da liberdade e da paz. Costureira, esposa de operário grevista em Barretos, voz ardente contra a carestia, a miséria e a opressão, ela depois à frente das mulheres paulistas, novamente enfrentando a reação policial. E ao erguer a faixa, confiando em que a massa popular a protegeria contra a sanha policial, que nobre altivez pelo dever cumprido, que certeza humana e contagiante em que aquelas palavras flo-receriam nas consciências dos jovens e das mães. Este Prémio Stálin significa que vivemos numa época em que o valor e o heroísmo estão na luta pela paz.



Na sala do café, no Konzerthaus, o bispo católico inglês John Barker conversa com os delegados brasileiros que aparecem na foto: cientista Mário Schemberg, coronel aviador Jocelyn Brasil, deputado Waldomiro Lobo, do PTB, Estado de Minas Gerais, e o enviado especial de VOZ OPERÁRIA.



A presença de Sartre no Congresso foi registrada e comentada na imprensa do mundo inteiro. Aqui vemos o famoso escritor trocando idéias com outro membro da delegação francesa.



O escritor Jorge Amado, o coronel Jocelyn Brasil e o dr. Abel Chermont palestram com um delegado indiano sobre o desenrolar do conclave. Trata-se do grande romancista Mulk Raj Anan, que acabou de ser laureado com o Prêmio Internacional da Paz, conferido pelo Conselho Mundial da Paz. A pedido do representante de VOZ OPERÁRIA, Raj Anan escreveu de próprio punho a seguinte saudação ao povo brasileiro: «Possa o povo brasileiro, parte do grande povo americano, converter a presente onda de guerra numa onda de amor e paz».

DO DELEGADO ALBERT HEBERLE, DE UBEDLINGEN (Alemanha Ocidental): — «Sou pintor de vitrais. Tenho 74 anos. Meu ofício me fez visitar numerosos países; agora tenho um atelier em Westphalia e um outro às margens do lago de Constanza, onde vivo.

A guerra destruiu todas as minhas grandes obras. Eu tinha pintado e reunido 800 m² de vitrais; alguns foram apresentados em exposição internacional de arte, que se realizou em Colônia em 1928. Mesmo esses foram destruídos pela guerra e foi isso que me levou a me preocupar com a paz e a guerra».

No Palácio da Música, em Viena, O Concerto dos Povos Pela Paz

Nos mesmos salões onde já ressoaram acordos geniais de Beethoven e Strauss, ouviu-se o côro dos povos clamando paz para o mundo. Joliot-Curie, Nitti, Buxbaum, Kumarapa, Ehrenburg, Sartre, Cook, Bovard e outros, num debate sobre os graves problemas da humanidade. Mensagens ao povo brasileiro do romancista indiano Raj Anan e do sheik sírio Walid Maupah.

Reportagem de Osvaldo PERALVA (Enviado especial da VOZ OPERÁRIA)

OS OLHOS de toda a humanidade estiveram atentamente voltados, nestes últimos dias, para o Congresso dos Povos pela Paz, que se realizou em Viena. Era o grande acontecimento internacional que centralizava as melhores esperanças dos povos sedentos de liberdade e de paz. E o seu êxito justificou e excedeu, decerto, a todas as esperanças.

Até mesmo sob o aspecto material, o Congresso foi de uma grandiosidade inexcusável. E isto começa pela sede em que se desenvolveram os trabalhos — o Konzerthaus. O majestoso edifício fica situado no centro da cidade, na zona britânica de ocupação. Inaugurado a 19 de outubro de 1913, deu-se a esse dia, um concerto de música composta especialmente por Strauss. Anos mais tarde, em março de 1917, foi celebrado no Konzerthaus o centenário da morte de Beethoven. A

orquestra filarmônica e a coral da ópera do Estado executaram então a «Missa Solenne», esse concerto assistiram, entre outros, os alemães Hermann e Albert Einstein, o sociógrafo Zdenek Nejedly, atualmente Ministro da Educação da Tchecoslováquia, e o compositor Assafiev, o músico americano Engel, o sábio britânico Edward Dent. E o pianista Rolland compareceu para pronunciar uma conferência sobre o homônimo, sob o título «Um Canto de Graças».

Agora, entre os dias 12 e 19 de dezembro de 1952, realizava-se nesse local histórico um congresso também histórico. Palácio de música, parece ter sido escolhido a dedo para se fazer ouvir, nos mesmos salões ainda impregnados dos acordos geniais de Beethoven e Strauss, as harmonias de Paz daquele concerto dos povos.

REPETE-SE O MILAGRE BIBLICO

No dia 12, à tarde, já começou a sessão inaugural. A fachada do Konzerthaus estava coberta por uma longa faixa azul, com uma inscrição em alemão, em grandes letras brancas: VOLKERKONGRESS FÜR DEN FRIEDEN.

Vindos de todas as direções, em ônibus, automóveis e a pé, iam chegando os delegados, penetrando no «hall» de recepção, que uma estátua de Beethoven, adornada com flores, dominava.

Nessa atmosfera carregada de emoções, por entre essa multidão compacta, ouviam-se retalhos de conversa em todas as línguas imagináveis, trazidas por gente de todas as raças, que usa os mais bizarros traje. Então acudia ao espírito e se aguçava uma pergunta: como essa gente, falando idiomas tão estranhos uns aos outros, poderá entender-se?

Não era, certamente, a primeira vez que um tal problema se colocava diante dos homens. Conta a Bíblia que os apóstolos foram incumbidos por Cristo de pregar a todos os povos da terra. Mas os apóstolos, longe de serem políglotas, eram homens simples, muitos dos quais analfabetos. A solução era o milagre e o milagre se deu. Os apóstolos falavam a auditórios por vezes muito variados, compostos de pessoas de línguas diferentes, mas os presentes ouviam não no idioma do orador e sim já traduzido em sua própria língua. Isto teria acontecido especialmente com São Pedro em Roma, onde se concentravam muitas pessoas dos países conquistados romanos.

Para solucionar problema semelhante, os organizadores

do congresso haviam operado o milagre da técnica. Duzentos intérpretes e tradutores qualificados permitiam a cada delegado acompanhar os trabalhos, tanto das sessões plenárias como das comissões, e conhecer todos os textos nas principais línguas do universo. A tradução simultânea dos discursos era feita em sete línguas oficiais: espanhol, alemão, chinês, francês, inglês, italiano e russo. Nos trabalhos e documentos utilizaram-se também outras línguas, especialmente o árabe.

ORDEM DO DIA

Os trabalhos do Congresso desenvolveram-se em torno dos seguintes pontos da ordem do dia: 1) independência nacional e segurança dos países; 2) desarmamento da tensão internacional; 3) cessação das guerras em curso, especialmente do conflito coreano.

Sentados em suas cadeiras, os delegados punham os fones no ouvido e escutavam no idioma que lhes interessasse, mediante o simples deslocamento, com um dedo, do «switch» apontado para a inscrição «espanhol», «inglês», etc.

Por isso é que se via a todos os delegados atentos, fosse quem fosse que estivesse ao microfone. Quando Ehrenburg falou, em russo, ouviram-no e compreenderam-no igualmente, e ao mesmo tempo, todos os presentes — que para isso vieram um dos pampas gaúchos, outros das montanhas

do Tibet, êstes dos tigres da Groenlândia, aqueles das minas de Salitre do Chile, pescadores da Alemanha, felizes do Egito, plantadores de São Paulo e ex-ministros da França, deputados italianos e estacianovistas soviéticos, homens do Ceilão e da Grécia, do Irak e da Venezuela, de todos os recantos do globo terrestre.

OS SERVIÇOS TÉCNICOS

Mas isso apenas não dá idéia da magnitude dos serviços técnicos. Foi uma coisa impressionante. E não poderia ser de outra forma quando se tratava de atender a um congresso que reunia mais de dois milhões de delegados, observadores, convidados e jornalistas, representando inicialmente do terceiro dia em diante, países, com toda a natural diversidade de hábitos, línguas e necessidades.

Para tanto foram provisoriamente instalados nos espaços salões do Konzerthaus além de muitas outras coisas que o reporter anotou, o seguinte: 1) setor de credenciais para representantes da imprensa; 2) escritório de viagens, hotéis e restaurantes; 3) escritório de câmbio e dinheiro para os delegados; 4) teletipos para envio imediato aos países de destino dos telegramas particulares e de imprensa expedidos por delegados e jornalistas; 5) oito cabines telefônicas; 6) cabines de registro de rotas e de teleescritores; 7) escritório de transporte, com ônibus e inúmeros automóveis para condução dos

delegados aos restaurantes, hotéis ou salas de espetáculos; 7) oito estações e serviço de rádio; 8) com aparelhos telefônicos para assegurar a rápida e fácil comunicação entre os vários serviços internos; 9) Sala do secretariado do Congresso; 10) Sala de jornalistas e serviços de informação; 11) sala de exposição de presentes e de fotografias; 12) o salão principal, onde se realizavam os sessões plenárias.

Além disso, para permitir que as diversas delegações nacionais se entrevistassem e discutissem, foram acondicionadas 70 salas nos três pavimentos do edifício.

Um exército de habéis datilógrafos, utilizando 250 máquinas de escrever, transcreviam em numerosas línguas os discursos, propostas e resoluções. E diariamente, editado em várias línguas, circulava um Boletim do Serviço de Informação, impresso, com 8 páginas contendo integrais e resumos dos discursos, informações várias e clichês de flagrantes das delegações.

REUNIAO DE TODAS AS CORRENTES

Quando se diz que o Congresso reuniu várias correntes que desejam a paz, mas que divergiam inclusive sobre os meios de atingi-la, não se es-

tá fazendo uma frase, mas resumindo uma realidade. Nesses como em outros sentidos, foi extremamente variada a composição do Congresso.

De fato, ao lado do Conselho Mundial da Paz e dos Movimentos de Paz nacionais, a êle filiados, formaram organizações absolutamente sem ligação com esses movimentos como a Entente Parlamentar Italiana da Paz, criada em outubro de 1951, por iniciativa de deputados liberais, democrata-cristãos, social-democratas e independentes de direita e de esquerda; como o Movimento Cristão pela Paz, sediada na Bélgica, mas com irradiação pela Itália e outros países europeus; como o grupo pacifista que na Alemanha Ocidental segue a orientação do Pastor Niemöller, presidente da Igreja Evangélica de Hesse, o qual não compareceu por se achar em viagem inadiável à Índia, mas enviou carta de apoio ao Congresso e representante na pessoa do pastor Bessen; o movimento pacifista suíço, representado pelo sr. René Boudard; o grupo peronista chefiado pelo economista e ex-deputado John William Cooke; a seita gandhista, representada na pessoa do sr. Kumarapa, renomado economista indiano; a corrente existencialista, através do seu líder, o escritor Jean-Paul Sartre, que frisou, entretanto, falar em seu próprio nome, sem mandatos de ninguém. Saliente-se

ainda que a Entente Parlamentar contou com o apoio de outros movimentos pacifistas, federalistas, de ex-combatentes, etc., não ligados ao Movimento Mundial da Paz.

Declaração do coronel Pietri, Grande Oficial da Legião de Honra, membro da delegação francesa: «Combati em três guerras, fui ferido e em minha família houve 34 mortos. Em meu departamento, a Corsega, houve 40.000 mortos. Sempre encontrei diante de mim o militarismo abomineável. Espero deste Congresso que faça impossível seu renascimento».

Mas o Congresso reuniu não apenas diferentes movimentos de paz, 25 organizações internacionais, não especificamente de paz, participaram do conclave, além de numerosas outras de caráter nacional como a dos «Cidadãos do Mundo», da Itália, a «Guilddede Cooperativistas», e tantas outras, além de conferências e congressos diversos que enviaram representantes, tais



O Metropolitano Nikolai, de Moscou, em cordial palestra com o Rev. Erwin Kock, da Austría, durante a participação da paz de seu país — saudou e deu as boas-vindas, na sessão inaugural do Congresso, aos delegados de todos os povos. Uma das notas de sensação do grandioso conclave foi, aliás, a participação de um número muito grande de sacerdotes de todas as religiões, desde budistas da China e do Ceilão, desde ortodoxos da URSS ou da Bulgária, até protestantes e católicos, todos fraternizando entre si com os delegados e sem religião movidos pelo mesmo objetivo de Paz.



No mesmo dia em que se realizou em Viena a «Marcha da Paz», chegou da Hungria o Correo da Paz, em homenagem ao Congresso. A última etapa do percurso esportivo foi feita pelo célebre campeão olímpico Emil Zatopek, que aparece na foto entregando ao presidente Joliot-Curie o Correo da Paz.



Dois monges budistas do Tibet acompanham, com atenção os trabalhos do Congresso.

(Conclui na pág. seguinte)



Dois delegados mongóis, atentos, numa sessão do Congresso. Abaixo, confraternizam um delegado francês e um delegado vietnamita — Ngo Gia Kham, Herói do Trabalho n.º 1, de seu país. Prêso por suas atividades patrióticas, tor turado, depois queimado, ferido na fábrica de munição em que trabalhava, hoje seu rosto é uma vasta queimadura, os dedos de suas mãos não se movem e as palmas são uma cicatriz. Incansável, continua lutando pela paz e pela liberdade de seu país. É membro do Partido Comunista desde 1938. Lembrando esse grande acontecimento de sua vida, disse: «Nasci em um país despojado em meu coração».

« FORA DO SINDICATO Como Eu Poderia Lutar ? »

Todo o proletariado brasileiro está ao lado de milhares e milhares de têxteis cariocas que vivem a maior e mais importante greve da história da indústria de têxteis do Distrito Federal. Heroísmo e combatividade, paciência e tenacidade, companheirismo, organização e unidade são as nobres qualidades operárias que a luta põe em relevo diariamente. As massas se temperam, na dura prova a que é submetido o Sindicato.

SINDICALIZAÇÃO INTENSIVA

Nesta prova, o Sindicato se desgasta ou cresce?

Evidentemente os fatos demonstram que ele aumenta seu poder. Segundo o diretor do Sindicato, sr. Astrogildo Pereira Ramos, «mais de mil novos associados foram registrados desde o dia 4 de dezembro e continuam a entrar mais sócios».

A multidão de milhares de têxteis ocupa as dependências da sede nestes dias de greve tornando intransitáveis as passagens e corredores, o saguão e os salões e mesmo as calçadas fronteiriças. E é nesse intenso movimento que novos operários ingressam no Sindicato, pedem sua inscrição. A Secretaria trabalha intensamente. Operários há que não obstante trabalharem durante muitos anos, só agora se sindicalizaram, tal como a operária Ermelinda Félix da Silva, da Fábrica Cruzeiro. — «Fora do Sindicato, longe dos companheiros, como é que eu poderia lutar?» — disse ela ao repórter.

Vinte e três Comissões de empresas estão em atividade. Elas organizam as turnas que saem à rua para receber o apoio popular, controlam a distribuição de gêneros e de dinheiro.

EXCLAMA UMA GREVISTA TÊXTIL — NUM CARTAZ COLOCADO EM FRENTE AO SINDICATO DOS TÊXTEIS CARIOCAS ESTÁ ESCRITO: "É PREFERIVEL SER VIUVA DE UM OPERÁRIO COMO ALTAIR A SER NOIVA OU ESPOSA DE UM TRAIADOR OU FURA-GREVE!"

AUMENTA A AUTORIDADE DO SINDICATO

Nestas condições o Sindicato funciona como um verdadeiro centro de comando dos 30 mil têxteis em luta.

Sua autoridade aumenta porque as decisões são tomadas democraticamente pelas assembleias numerosas de 5 a 10 mil têxteis. Os operários sentem-se donos do Sindicato, pois se a Diretoria quiser tomar qualquer decisão terá de fazê-lo consultando a assembleia. O Sindicato deixa assim de ser um joguete de apenas meia dúzia de diretores para se tornar um organismo de todos os trabalhadores. Por isso grande é o amor e a confiança dos trabalhadores em seu sindicato.

Diz um operário da Cruzeiro: «Trabalho há 46 anos naquela fábrica e ganho apenas 2.100 cruzeiros e não voltarei a trabalhar sem a vitória. Confio em nossa unidade e organização, em nosso Sindicato, na solidariedade dos demais trabalhadores».

Como disse a macaqueira Maria Conceição Matos, que há 33 anos trabalha na «Cruzeiro», «é preferível continuar lutando, a voltar para ganhar aqueles míseros 1.100 cruzeiros por mês. Aqui no Sindicato, não passamos mais fome do que lá e poderemos aguardar firmemente a vitória».

E, de fato, o Sindicato, hoje, é respeitado não só pelos patrões que a ele são obrigados a dirigir-se de igual para igual, como também pela polícia que ali não penetra porque os trabalhadores proíbem sua entrada.

SOLIDARIEDADE ATÉ DA FRANÇA

Um velho operário do Moinho Inglês, cheio de entusiasmo, dizia que jamais houve uma greve como essa. «Já recebemos em gêneros e dinheiro, das mãos dos trabalhadores e do povo quase 1 milhão de cruzeiros». E, a jovem Cacilda, também do «Moinho», concluiu: «Queremos a vitória. O «Moinho» está completamente parado. Tenho trabalhado aqui desde às 7 horas até as 22 horas e cada vez mais me animo, bem como os nossos companheiros. Hoje saíram 12 comandos nossos».

No galão e na secretaria, o vozerio é geral. Tanta gente se move e se agita na sede que é difícil andar-se folgado por ali. Os trabalhadores não toleram traição de quem quer que seja. Eles estão vigilantes contra os Jango Goulart, os Coronel Lange, elementos do P. T. B. a serviço de Getúlio que pretendem desmantelar o movimento sob a capa de «mediadores». Os têxteis não confiam a não ser em si mesmos e na solidariedade dos demais trabalhadores e, isso eles aprenderam principalmente nesses dias de luta.

Ao falarem de solidariedade, não há teco-lão que não se orgulhe, dizendo: «Não podemos fazer vergonha, quando nossos companheiros nos ajudam a vencer. Até da França recebemos solidariedade». E, o pensamento das operárias está refletido num cartaz, dentre outros afixados na entrada: «É preferível ser viúva de um operário como Altair a ser noiva ou esposa de um traidor ou fura-greve».

Um grupo de operários em conversa, afirmava que se os têxteis permaneciam firmes, inclusive durante as festas de Natal e Ano Novo, então eles poderiam levar a luta por muito tempo ainda, até que os patrões cedam completamente. E, os têxteis sabem que os patrões não demorarão a entregar os pontos.

RESISTIR ATÉ A VITÓRIA

Cerca de um mês de greve demonstra que se trata de uma resistência tenaz contra os patrões. Isso só foi possível, os trabalhadores puderam manter-se firmes, porque souberam unir-se em suas Comissões para reforçar o Sindicato. Diariamente se realizam enormes assembleias de milhares de têxteis que tomam decisões unânimes contra as manobras patronais, contra a polícia. Cresce de dia para dia o número de pessoas que se sindicalizam e imediatamente se lançam às ruas para a obtenção de solidariedade, passam a combater e a reforçar as Comissões de empresa e o Sindicato. Nesta luta, os têxteis avançam para a vitória, constituindo um exemplo vivo para os demais trabalhadores que também exigem aumento de salários, abono de natal e condições de trabalho mais humanas.

NO PALÁCIO DA MÚSICA, EM VIENA, O CONCERTO DOS POVOS PELA PAZ

(Conclusão da pág. Central)

Associação Geral de Estudantes da Universidade Livre de Bruxelas; Roger Lallemand e Lucien Marschal, presidente e secretário do Circulo do Livre Exame; Helene Fonck, Francis Couvreur, Louise Poels e J. Herman, presidente, vice-presidente e secretário do Circulo de Filosofia e Letras; Céline Sasson, ex-presidente do Circulo de Belas Artes; Georges Dobbelaer, secretário dos grupos «Esprits» da Bélgica.

CAMPONESES E BARÕES

Não menos variada foi a composição social. Nos corredores do Konzerthaus, na sala de café, em qualquer parte, podia acontecer — e frequentemente acontecia — que pessoas de posição social tão diferente, como o camponês paulista Olimpio Bondesani (que a polícia de Vargas acaba de prender, por ter participado do Congresso) e o Conde Sella de Monteluce, representante do movimento monarquista italiano, o soldado canadense que regressou da Coreia e o general Gabaldon, da Venezuela, o operário gaúcho Zorzi e a baronesa alemã Katherine, se acotovelavam e serriam cordalmente, trocavam autógrafos ou emblemas de paz, com essa camaradagem típica dos combatentes da paz.

Entre os políticos, podiam-se anotar numerosos nomes: Madame Sun Yat Sen e sr. Kuo Mo Jo, vice-presidentes da República Popular da China; Alexandre Korneitchuk, presidente da República Soviética da Ucrânia; U. Ba Pe, ex-ministro da Birmânia e proprietário do jornal «San Press»; Saw Po Thon Max, vice-presidente do Congresso Keren e diretor do jornal «Sum Press»; presidente do Conselho de Ministros da República Espanhola; Gabriel d'Arboussier, Secre-

tário Geral do «Rassemblement Democratique Africain» e Conselheiro da União Francesa; Joseph Wirth, ex-chanceler do Reich; Matine Daftary, ex-ministro e senador no Irã; dr. Sunarjo, presidente da Comissão de Assunto Estrangeiros do Parlamento Indonésio; srs. Yves Farge, Pierre Cot, Laurent Casanova, Emmanuel d'Astier de la Vigere, ex-ministros da França; sr. Tularak ex-ministro da Tailândia, ex-embaixador na China; Rafael Mendoza, secretário geral do Partido Socialista Colombiano; Paulino Ovalle, deputado, diretor de «Nuestro Diálogo», de Guatemala; sra. Elin Appel, ex-deputado liberal na Dinamarca; sr. Dias Bandaranaike, deputado do Ceilão, presidente da Liga da Juventude do Partido da Liberdade.

Observou-se também a presença de vários homens de negócios, como os australianos Norman Rotheffield e John Mc George, representante da organização comercial «Associação de Fotografias de Exteriores e de Películas Realistas», o industrial chileno Vicente Maranjo; Talib Ibrahim, de Djakarta, e Karl Schuster, banqueiro de Schifferstadt, na Renânia (Alemanha), e sra. Greta Kuchlhoff, presidente do Banco da República Democrática Alemã. Grande número de dignitários de várias religiões; escritores e artistas dos meios célebres do mundo; militares de alta patente e dirigentes de organizações poderosas de massa; sábios de renome mundial, heróis do trabalho e da resistência nos países em luta por sua independência, ao lado de campeões de coletas de assinaturas, de homens e mulheres simples, ansiosos de paz e liberdade.

ACALORADOS E FECUNDOS DEBATES

Da tribuna do plenário 07 delegados expuseram

com toda a franqueza seus pontos de vista, fizeram críticas e propostas. Sartre, um dos primeiros a fazer uso da palavra, manifestou a opinião de que a atual tensão internacional resultava de um medo mútuo:

«O mundo foi partido ao meio e cada metade tem medo da outra».

Terranova, deputado democrata-cristão, asseverou: «Estamos demonstrando aqui — e o demonstraremos ainda mais no futuro que o Oriente e o Ocidente, que homens de diferentes crenças e idéias podem encontrar-se para buscar a paz, e evitar de se chocarem uns contra os outros no campo de batalha».

General Buxbaum falou sobre a luta do povo brasileiro contra o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, denunciando-o como um pacto de colonização e de guerra, como uma ameaça à paz mundial.

Kumarapa, discípulo de Gandhi: «A verdade é Deus, o «Dharma» é o objetivo da existência do homem, da mesma forma que produzir flores é da natureza do rosasal. O «Dharma» do homem é a paz».

John William Cook, argentino, fez o elogio do governo de Peron e lhe atribuiu uma «terceira posição» diante da questão da paz e ante da questão da guerra e da paz».

René Bovard, pacifista suíço, defendeu a tese da não violência, segundo o ensinamento gandhista.

A professora italiana Alessandra Piaggio afirma que a proposta dos representantes dos Estados Unidos sobre a Coreia na ONU é contrária à Convenção de Genebra, enquanto que a da China e Coreia do Norte é de acordo com o direito. Entretanto diz-se surpresa



O cheik Walid Maupah, chefe religioso sírio-libanês, discute com uma delegada ocidental. Pouco depois, a pedido do repórter deste jornal, ele escrevia a seguinte mensagem: «Vivam os povos do mundo que lutam pela paz e pela liberdade. O povo sírio e libanês saúda o povo brasileiro que luta pela paz e a liberdade».

porque Vichinski na ONU não apoiou a proposta indiana. Depois crítica o governo chinês por sua atitude em relação a alguns missionários, embora admitindo que estes «possam ter esquecido que seu único dever é pregar o Evangelho, o amor e a Paz». Propõe que

numa conferência das grandes potências seja incluída a Índia.

O senador Emilio Sereni replica à sra. Piaggio: ela estaria pondo no mesmo pé os carrascos e as vítimas. Joliot-Curie opina que os povos que recobram sua in-

dependência nacional estão no direito de reclamar garantias de segurança por parte das outras nações. e Ehrenburg afirma que um país que conservar sua neutralidade, não tendo bases estrangeiras em seu território, poderá beneficiar-se de garantias de segurança.

'VIVAM OS POVOS'

ASSIM vão surgindo em profusão idéias, propostas, críticas, sugestões, que por vezes assumem um tom polêmico, de repente quebrado por um discurso de representante de país em guerra ou sob ocupação, que comove a todo o Congresso com seus relatos. Ora é a coreana Kim Sen You, ora o grego Kolkalis, que lê a mensagem de 400 presos políticos da bastilha de Corfu, condenados à morte, que saudam o Congresso. Mas depois, nas comissões, o debate se acalora, até que se chega a uma opinião média, aceitável por todos ou pela grande maioria. Deste modo, após oito dias de trabalho intenso, o Congresso votou históricas resoluções que já foram publicadas na IMPRENSA POPULAR.

Estavam presentes ao escrutínio 1.647 delegados. Pôsto em votação o apelo aos povos, votaram a favor 1.626 pessoas. Abstiveram-se 19

observadores e convidados. Não tomaram parte na votação 11 pessoas.

Na mensagem aos governos, votaram a favor — 1.637. Abstiveram-se 7 observadores e convidados. Não tomaram parte na votação 3 pessoas.

E com esta manifestação de profunda união em defesa da paz, encerrou-se o grande Congresso dos Povos pela Paz precisamente às 2,50 da madrugada do dia 19. Em meio aos vivas e hurras, Yves Farge declarou: «Vivam os povos! Viva a Paz! Declaro encerrado este Congresso dos Povos!»

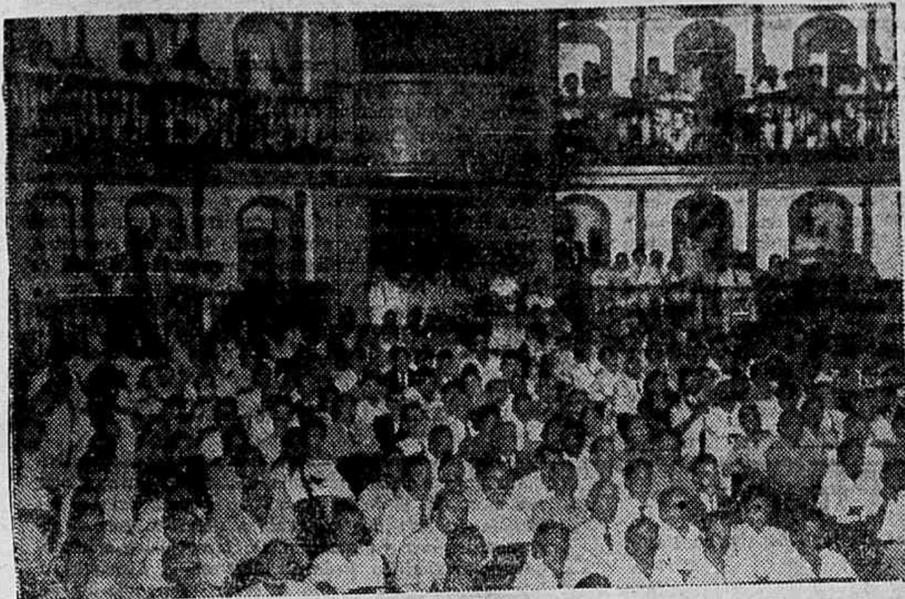
E assim os delegados dos povos se separaram e regressaram a seus países, onde irão contar, com mais detalhes e mais amplitude, sem as limitações de uma reportagem como esta, o que foi realmente este grandioso momento da humanidade.



O ato de instalação da Comissão Nacional contra o Acôrdo Militar, a 24 de outubro de 1952. Falando, vê-se o general Edgard Buxbaum, seu presidente. À sua direita, o gal. Artur Carneuba, cel. Benevides, dep. Lobo Carneiro, vereador Henrique Miranda, comandante Coelho Rodrigues, major Napoleão Bezerra; à sua esquerda: gal. Felicíssimo Cardoso, cel. França Albuquerque, sra. Iraci Almeida, dr. Magarinos Tôrres, cel. Pedro Paulo Sampaio Lacerda. No segundo plano, da esquerda para a direita: engenheiro-químico Tales Garcia Paula, dr. Romero Jr., dra. Maria Augusta Tibiriçá Miranda, dr. Bueno de Andra de, engenheiro Arlindo Ribeiro, jornalista Nilo Werneck, Agostinho de Carvalho, cel. Crodegando Morais, Modesto de Souza

Para Que a Câmara Respeite a Vontade do Povo

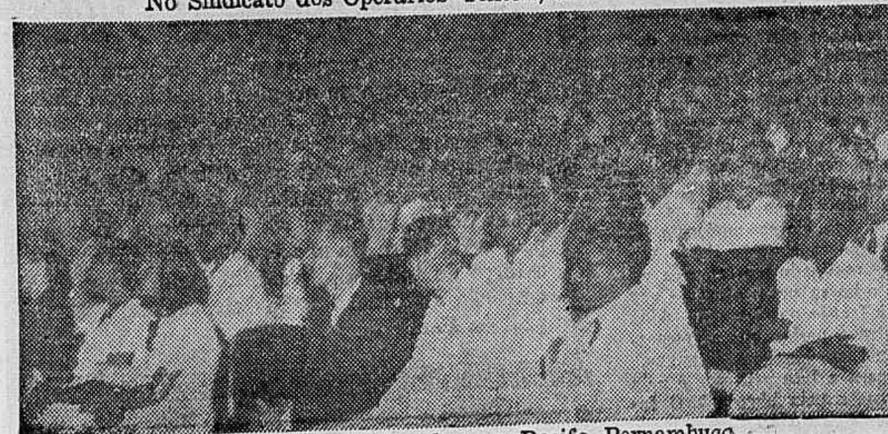
A CAMPANHA CONTRA O ACÔRDO NO NORTE DO PAÍS



No Teatro Artur Azevedo, em São Luiz do Maranhão



No Sindicato dos Operários Textéis, em Rio Tinto, (Paraíba)



No Teatro Almare, situado em Recife, Pernambuco

A Comissão Nacional Contra o Acôrdo Militar foi fundada em numerosa assembléia realizada na Associação Brasileira de Imprensa na noite de 24 de outubro de 1952. O imenso trabalho realizado com êxito e brilho em pouco mais de dois meses de atividade assegura-lhe, desde já, um lugar de relevo entre as organizações patrióticas e populares de nosso Brasil.

Sua finalidade e objetivo resumem-se em poucas palavras que sintetizam uma das mais imediatas, urgentes e inadiáveis aspirações e necessidades do povo brasileiro: derrotar o acôrdo militar com os Estados Unidos e assim impedir que os negociantes da guerra disponham do recurso «legal» para enviar nossos soldados para a Coréia, entregar as ri-

A IMPOPULARIDADE DO «ACÔRDO MILITAR»

Num espaço de tempo realmente record a luta contra o «acôrdo militar» enveredou pelo caminho da organização. De todos os Estados, tanto das capitais como das cidades mais importantes, chegaram logo comunicações sobre a organização de comissões locais, que assumem a responsabilidade de dirigir, coordenar e ampliar cada vez mais a luta contra o pacto da traição. Nenhuma outra campanha anterior pôde estender-se tão rapidamente aos mais diversos pontos de nosso imenso país. E isto é apenas o principio. Pois novas comissões se estruturam.

Desde o Pará até o Rio Grande do Sul organiza-se a luta.

Este ritmo de trabalho com tão grande receptividade exprime com eloquência a impopularidade do acôrdo militar.

O PONTO DE PARTIDA: MOSTRAR O QUE É O «ACÔRDO»

Mas o repórter insiste em localizar a causa determinante dessa marcha ascendente.

— A causa é o próprio acôrdo. Basta conhecer o acôrdo para que as pessoas honradas fiquem logo contra ele.

Era uma voz de firme timbre metálico, com uma perfeita dicção de orador consumado capaz de resumir seu pensamento em curtas e agudas frases. Por acaso aquele homem alto e agil passava por perto. Depois soubemos que essa resposta foi dada pelo coronel Salvador Corrêa de Sá e Benevides, ilustre figura de militar e patriota.

Assim como acontece com suas inúmeras palestras e conferências pelo Brasil afora, numa ação ininterrupta e incansável, ele tinha deixado para nós o tema da palestra, o assunto obrigatório.

quezas naturais do país, aos trustes americanos, submeter nosso povo a um regime aberrantemente fascista e de ocupação ianque.

A atividade da Comissão Nacional Contra o Acôrdo Militar consiste fundamentalmente no esclarecimento e organização do povo brasileiro, na unificação das mais amplas camadas populares, organizações e entidades as mais diversas, em criar as condições para que cada brasileiro possa participar desta luta seja uma pessoa eminente nesta ou naquela esfera de atividade ou uma pessoa simples.

Interpelando os dirigentes da CNCAM, o repórter recolheu expressivos elementos que ilustram a sua patriótica e grandiosa atividade e revelam as brilhantes perspectivas que ela tem de atingir vitoriosamente a meta que se propôs.

Nosso informante desenvolve a tese. A luta contra o acôrdo se estendeu principalmente após a sua divulgação em folhetos e por alguns jornais. Multiplicam-se os pedidos desses folhetos. O acôrdo é uma coisa tão aberrante que muitas pessoas reclamam um documento, uma coisa qualquer para ver e tocar, pois é difícil acreditar que haja alguém capaz de assinar aquela monstruosidade.

E nos mostram uma verdadeira montanha de telegramas de agremiações diversas — juvenis, femininas, culturais, operárias e outras — solicitando o envio de oradores para atos públicos programados. Há dificuldades nesse terreno. Os oradores e conferencistas já se tornam poucos para tão ampla programação.

O conhecimento do texto do acôrdo obriga à ação. Ninguém pode ficar impassível diante daquela miséria. Por exemplo, chovem os telegramas aos deputados pedindo que eles o repudiem. Assim, somente o deputado Helle Cabal, logo após a publicação de seu folheto contra o acôrdo, isto é, em pouco mais de um mês recebeu mais de 3.000 telegramas, mais de cem por dia.

O VII Congresso dos Tra-

balhadores Mineiros, instalado com a presença do próprio sr. Getúlio Vargas, tomou posição contra o acôrdo. Em Santos, após uma conferência do gal. Leonidas Cardoso, os presentes organizaram uma passeata, visitaram todos os jornais pedindo seu apoio à campanha. Em Ponta Grossa, Paraná, a conferência do cel. Benevides, no Cine Teatro Rex, foi irradiada pela Rádio Pontagrossense, apesar de ter se prolongado por duas horas e meia. Em Sorocaba, a comissão local reuniu mais de mil pessoas para ouvir uma conferência do cel. Benevides. Estava superlotado o maior cinema da cidade. Devido a um desarranjo no automóvel, o conferencista chegou com duas horas de atraso. Mas o público não se retirou apesar de ser dia de semana.

— Por que os generais não se manifestam contra o acôrdo?

Esta é uma das perguntas mais frequentes. A realidade é que os generais se manifestam. A lista é grande: Estilac Leal, Lima Figueiredo, Edgard Buxbaum, Felicíssimo Cardoso, Leonidas Cardoso, Henrique Cunha, Valério Braga, Paula Vasconcelos, Souza Mendes, Artur Carneuba e outros...

JOORNADA NACIONAL CONTRA O ACÔRDO

Esta luta está apenas no início. Agora, em janeiro, quando a reunião extraordinária da Câmara voltar a discutir o acôrdo, é que se travará a mais dura batalha, que pode ser decisiva, pois pode ser a derrota definitiva do acôrdo.

Uma quinzena de intensas ações deverá culminar com a Jornada Nacional contra o acôrdo militar, com uma concentração-monstro no Rio de Janeiro, nas capitais dos Estados e no maior número possível de cidades em todo o país. Novas comissões serão fundadas, milhares e milhares de assinaturas serão colhidas em comandos, visitas, telefonemas, telegramas, memoriais a deputados e palestras, conferências e comícios culminarão na Jornada do dia 15, para que a Câmara respeite a vontade do povo.

Por Esta Razão, Grande Prestes

DALCIDIO JURANDIR
(Especial para a VOZ OPERÁRIA)

Nestes últimos dias, para festejar o Natal, senhoras e o governo resolveram entregar algumas esmolas a uma multidão de meninos, mães, velhas e desempregados. A primeira fila que vimos, no Leblon, parecia caminhar sobre o nosso próprio coração. Doía-nos ver irmãos brasileiros naquela condição de miséria, tristeza e orfanidade. Doía-nos vê-los submetidos a tamanha humilhação. As mães com a saia suja, despendeadas, suarentas e tristes, o rosto magro e pálido, mal continham as crianças descalças e maltrapilhas que esperavam a demorada e ridícula migalha. Havia moça que nos parecia nunca ter tido juventude. Meninos pretos, de joelho roído, o rosto maduro, sentavam no chão, espivavam o edifício próximo como se fosse um palácio onde árvores de natal se acumulavam para derramar sobre eles todos os brinquedos do mundo. E a velha fome deixava a sua marca naquelas faces ardidas, suadas, comidas pelo sofrimento. Trabalhos de casa, esperas de salário, moléstia, falta de remédios, crianças morrendo, meninos na rua vendendo amendoim ou tomando o caminho da perdição — quantas consumições para uma mãe, quantas agonias na familiar! Toda uma favela ali na forma de gente, vozes, gestos, pranto das crianças sem leite, barulho dos meninos impacientes, revoltas e queixas, esperanças esmagadas daquelas mulheres submetidas a uma fila que nos envergonhava, porque era o nosso povo, eram nós brasileiros pisados, ultrajados e humilhados. Longe, no entanto, nos corredores dourados da riqueza e da fartura, estavam as filas dos banquetes que custam milhões, dos bailes cujas fotografias saem brilhantes nas revistas de luxo, dos «modelos» cujos vestidos valem cinquenta mil cruzeiros. Estão as filas dos ladrões do Banco do Brasil, dos negociantes que vão aos Estados Unidos implorar que os norte-americanos façam logo a guerra porque é com a guerra que os negócios devem render mais. Estão os assassinos, os esfomeadores, os canalhães, montados nos seus escritórios, nos seus cofres, nos seus palácios, cuspiendo sobre a miséria, o sofrimento, as filas do Maracanã.

E vimos longas e dolorosas filas em todo o Brasil e vimos aquelas mães, esposas, filhas que se escondem nas palhoças, barracos e pardeiros porque não têm mais roupa e povoam os campos, a margem dos rios, as estradas do sertão. Vimos as filas dos desgraçados e perseguidos que se amontoam nos «paus de arara», nos trens, nas estações, no porão dos navios, caminhando, viajando, morrendo atrás de um trabalho, de um pão, de uma gota de leite para as crianças esqueléticas. É o longo e secular martírio do povo, as diárias e incontáveis aflições que escutam em nosso coração e crescem e rompem em luta, em raiva e revolta porque há um limite para essa dor, um ponto final para essa miséria, um caminho para que tudo isso se transforme em esperança.

E quando pronunciamos a palavra esperança, logo nos vem o teu nome, Cavaleiro, o teu nome que significa a perfeita pureza, a palavra que nunca mentiu, o juramento que nunca foi traído. Logo nos vem o teu nome que muitas vezes pronunciamos para nos iluminar a consciência, encher-nos de uma maior animação nos instantes de mais dura incerteza e

nas horas de nossas inquietudes pessoais. E sobre aquelas filas escuras e andrajosas, que exalam o cheiro da infinita desolação e da infinita pobreza, o teu pensamento é a esperança mesma, pois sabemos que na tua luta, onde estiveres, outra atenção não tens senão aquela que se dedica a tudo fazer para tirar dessas filas as mães, as viúvas, as esposas, os orfãos, as crianças e dar-lhes o Brasil e não mais esmolas. Dar-lhes escolas e jardins, pão e creches, trabalho onde não bata a fome e a polícia, casas onde não ronde o bando sinistro do despejo e do espancamento. Por tudo isto, Prestes, é que olhamos as grandes filas pobres, confiantes nelas, porque não há maior confiança nelas do que a tua, porque sabes que a invencível força está entre aquelas mães e aqueles trabalhadores.

E as esmolas que atiram ao povo, numa exibição de caridade fingida e ruidosa, vêm do medo que os poderosos têm de ti. Por que te perseguem? Por que há um sujo tribunal que te processa? Por que te caluniam, por que trucidaram tua esposa, separaram tua filha, martirizaram tua mãe, por que tudo fazem para afastar de ti o grande povo? Por que atiram nas mulheres que falam de ti, torturam teus companheiros na vã tentativa de fazê-los renegar o teu nome e trair teu Partido? E' que eles sabem, e isso os torna muitas vezes sem sono, em meio do próprio luxo, e da própria fartura, compreendem que, em tua palavra, está a razão, a justiça, a verdade que os explorados e os oprimidos querem escutar. Sabem que em teu coração ressoa mais alto o grito dos perseguidos, o soluço dos injustiçados, a queixa dos famintos, a surda revolta dos sem trabalho e a resistência dos grevistas. E por isso têm medo. E pensam iludir a fome e o desespero das grandes massas com a migalha humilhante, o brinquedinho embrulhado num papel colorido, o quilo de açúcar que não pode adoçar a imensa e crescente amargura.

Os Natis passam, as esmolas passam, a miséria continua. Há mais mesas sem pão, há mais famílias sem pão, há mais famílias sem lar, há mais crianças sem leite, há mais meninos sem escolas, há mais trabalhadores sem trabalho, há mais salários de fome. E maior é o cinismo, maior a crueldade, maior a cobiça e o crime dos opressores.

Contudo, Prestes, maior é a tua confiança e a tua luta. A toda hora, um trabalhador, que desperta da ilusão e vê a sua miséria crescendo, exclama: Sim, Prestes é quem tem razão.

Por essa razão, sofreu Prestes dez anos de prisão, um terrível martírio, e sua luta é a nossa honra, nosso orgulho, é a consciência mesma da Pátria.

Por onde estejas, onde vás, pensando e lutando, sempre presente Cavaleiro, sempre presente onde haja uma luta e uma casa pobre, à tua volta está o que há de mais puro e humano de nosso povo, comandante!

Os Fatos Confirmam as Palavras de Prestes

Conclusão da pág. 12

9.000.000 de dólares por ano no Brasil, exportávamos, de lucros dos capitais americanos aqui investidos, 28.000.000 de dólares por ano! É evidente que uma tal bomba de sucção conduz para os Estados Unidos o fruto do suor do nosso povo, impossibilitando-nos de empregar os resultados do nosso trabalho no aumento de nossa própria riqueza, na construção de indústrias básicas, etc.

COMO RESOLVER ESSAS QUESTÕES?

Mas, para que serve essa constatação na boca de Getúlio? Apenas para justificar novos pedidos de dólares aos americanos. Getúlio e queixa não de que a exploração seja grande, mas do fato de que não se criem condições, para uma exploração cada vez maior pouco se lhe dá o que aconteça mais tarde. Choraminga agora por alguns dólares com que ele e seus sócios possam encher as próprias carteiras, ainda que para fal tenha de vender o Brasil.

Enquanto isso, Prestes não apenas analisa as raízes dos males que afligem o país, mas aponta os remédios verdadeiros: entrega da terra a quem a trabalha, abolição de todas as formas semi-feudais de exploração da terra, anulação das dívidas dos camponeses, etc. de um lado; de outro: nacionali-

zação dos bancos, das empresas de energia elétrica, etc, pertencentes ao imperialismo; anulação da dívida externa do Estado, denúncia dos acordos e tratados lesivos à nação; E' o que diz no Manifesto de Agosto, é o que, em linhas gerais, sustentava desde 30.

Mas, como realizar isso? Como transformar em realidade essas ideias? Através da formação de um governo democrático e popular, de um governo de paz e independência nacional — a resposta que nos dá Prestes.

Para isso se faz necessária toda uma mobilização do povo, porque um tal governo não se conquista apenas com palavras e boa vontade, mas tem de ser uma consequência do desejo e da disposição de luta das massas. Mas o que é certo é que Prestes não apenas aponta os males reais, comó também os remédios e a maneira prática de empregá-los.

LUTA PELA PAZ E PELA INDEPENDENCIA

Mas se Prestes aponta com justeza os problemas básicos e suas soluções, chama também a atenção dos brasileiros, tanto para os problemas internacionais, que interessam grandemente ao nosso povo, porque dizem respeito à sua própria vida, como para certas decorrências da situação internacional, que não apenas importam numa maior exploração do nosso povo, mas também colocam em risco a própria soberania do país e a vida dos brasileiros.

Já ao dirigir-se pela primeira vez ao povo brasileiro, depois de sua longa prisão, quando a recente derrota do nazismo enchia de esperanças os povos de todo o mundo, Prestes advertia:

«Mas a vitória militar não basta. Já o estamos vendo. O fascismo corrompeu e envenenou o mundo inteiro, seus restos meio mortos, meio vivos são ainda perigosos e precisam

ser removidos, arrancados de raiz». E, logo depois, no Pacaembu:

«A luta pela paz, exigirá, pois, novos e crescentes esforços, a liquidação política e moral do nazismo em todo o mundo, assim como o contra-ataque sistemático às forças da reação que se reagrupam para levar o mundo a novas guerras e, mais particularmente, à agressão por elas sempre desejada contra os povos soviéticos».

Era uma advertência serena e oportuna. Mais tarde e até os dias de hoje Prestes tem sido levado a repeti-la numerosas vezes em todos os tons. É que o perigo de uma nova guerra ameaça cada vez mais os povos do mundo e também o nosso povo. Essa ameaça no que nos diz respeito, é agravada pela orientação guerreira e agressiva do imperialismo norte-americano, que procura desde há muito atrelar definitivamente o Brasil ao seu carro de guerra, utilizar a nossa mocidade como carne de canhão em suas aventuras agressivas. É também contra isto que Prestes adverte repetidamente nosso povo. Já em julho de 1946 dizia:

«No que toca ao projetado Pacto do Hemisfério, nossa opinião contrária já foi suficientemente exposta. Nosso Partido não pode deixar de ser radicalmente contrário a quaisquer tentativas desta natureza. Com o nome de política pan-americana, o que se tenta é uma completa inversão da política de «boa vizinhança» de Roosevelt. O bloco pan-americano proposto por Truman é contrário à colaboração das Nações Unidas, à manutenção da paz, portanto, e ao próprio interesse da defesa da nossa soberania e da integridade da Pátria.

E mais tarde, dirigindo-se à Constituinte:

«Para que os Estados Unidos precisem dessa organização militar, de todo o Continente, senão para enfrentar as duas outras grandes potências?»

«Coloca ainda sob o domínio norte-americano países como o nosso, ainda atrasados, sem indústria pesada. As nossas forças armadas passarão à categoria de elementos submissos às forças norte-americanas. É inevitável. Pela maneira por que está sendo projetado nos Estados Unidos esse bloco pan-americano, essa organização militar do continente, visa ele colocar nossas forças armadas, frente ao exército ultra-moderno dos Estados Unidos nas condições — tomadas as devidas proporções — de nossas polícias estaduais frente ao Exército Nacional. E, mais dia, menos dia, teremos o nosso exército com soldados brasileiros, sob o comando de oficiais norte-americanos. É esse o caminho, é essa a tendência do imperialismo ianque. Estamos alertando. Ninguém mais do que nós deseja que isso não se realize, e lutaremos contra tal coisa.»

É o «Acórdo Militar», que se gerava nas entranhas do imperialismo em colaboração com os irraídores nacionais. É esse mesmo perigo cuja ameaça se torna cada vez maior e que só não foi ainda transformado numa realidade mortal para milhares de jovens brasileiros porque o nosso povo, alertado por Prestes e pelos comunistas, tendo à frente patriotas de todas as tendências, tem sabido lutar contra o perigo que o ameaça, tem conseguido neutralizar as manobras dos seus inimigos.

Hoje os brasileiros se reúnem para a luta pela paz e pela independência nacional, contra a fome e pela liberdade. O fato de ter à sua frente um líder tão seguro e clarividente como, Luiz Carlos Prestes constitui um penhor seguro de vitória.

7 DIAS NO BRASIL

O DESACREDITADO

Tomando uns ares de pregador do Exército da Salvação, Getúlio deltoou discurso no Natal, tentando, como sempre, iludir o povo. Em sua fala de insincero cristão novo, declarou que «a grande esperança» é «o advento da paz sobre a terra» e caracterizou nossa época como a época da «descrença». Não obstante suas costumeiras generalidades contra «as desigualdades sociais», seu discurso não teve o menor efeito entre o povo, que sente os fatos: o governo ousa falar de paz justamente no momento em que tenta impingir à nação um «acórdo» de guerra e prossegue em sua política de submissão aos planos de guerra e escravização de nosso país aos americanos. De fato a época é de descrença, mas de descrença cada vez maior no governo de Getúlio e em suas prestidigitações de saltimbanco.

DESEJADO ENTÉRRO

Intensificam os jovens suas ações de protesto contra o «acórdo» militar. Estudantes cariocas fizeram o «julgamento» do infame, com grande pompa. João Neves funcionou na defesa, entre as vaías da multidão. Os jovens acabaram «enterrando» o condenado, numa antevisão do que o povo pretende fazer com o «acórdo». Criada a Comissão Paulista pela Rejeição do «Acórdo», composta de deputados, intelectuais, dirigentes sindicais de todas as correntes. Enquanto isso, multiplicam-se no resto do Brasil os telegramas de protesto, particularmente entre os trabalhadores que, a exemplo dos textéis cariocas e os estivadores cearenses, ligam suas lutas reivindicatórias à defesa do Brasil ameaçado pelo «acórdo».

DIREITO AO ABONO

Fin de ano, a miséria aumenta e os trabalhadores e funcionários exigem um abono para aliviar sua situação. O do funcionalismo acabou saindo, em virtude da luta dos «barnabés». Muitos, porém, ficaram de fora e protestam. Os ferroviários e autárquicos do Distrito Federal mostram-se dispostos à luta, inclusive recorrendo à greve. Ferrovários do Nordeste do Brasil foram demitidos por terem pleiteado seus direitos e os «barnabés» de São Paulo irão à luta pela reintegração dos demitidos e a concessão do abono. O pessoal do Instituto do Mate mandou memorial a Getúlio e outros estão fazendo a mesma coisa. Assim, este ano, não somente os operários lutam pelo abono, que não é esmola, mas um direito de todos os que trabalham e não vivem à tripa fora graças ao trabalho alheio.

TIRANETES

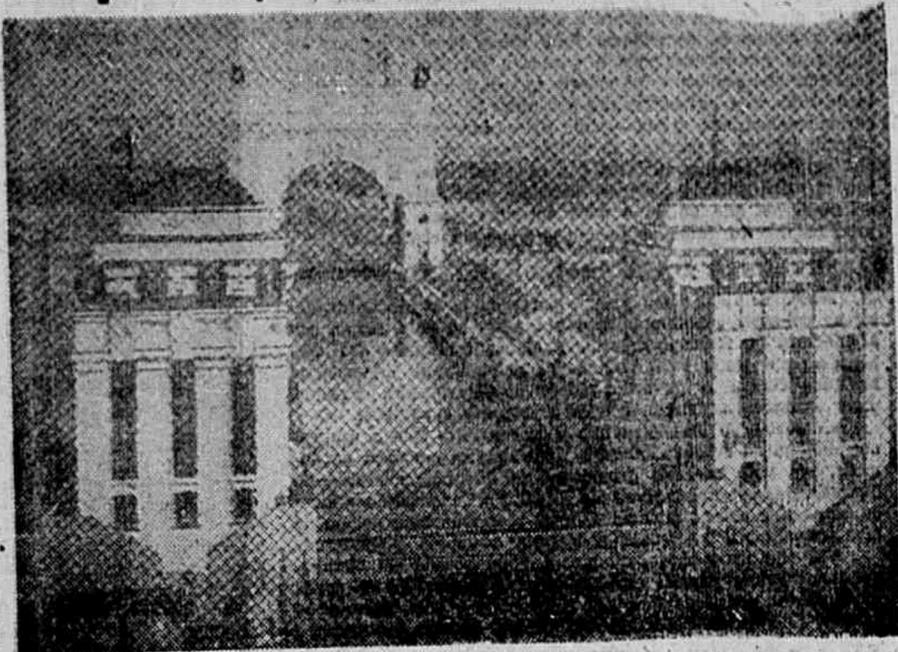
O governo encerrou o ano com novas provocações e atos de terror contra os partidários da Paz. A polícia de Minas prendeu dezenas de jovens participantes da Conferência Mineira em Defesa dos Direitos da Juventude. No Rio, o chefe de polícia Ancora, desmentindo suas juras de respeito às liberdades, investiu contra os delegados que regressavam do Congresso dos Povos. Em São Paulo, um beleguim da DOPS consegue vasta acolhida na imprensa para suas provocações primárias, inclusive a criação de um «exército subversivo» em Goiás, mentira tão asquerosa que obrigou o próprio beleguim-chefe, Elpidio Reale, a desmentir a história. E tudo é feito em flagrante desrespeito às leis vigentes. Mas este é também um fim de ano em que mais do que nunca se amplia a frente de todos os que lutam pelas liberdades e que, como já vem acontecendo, obrigarão os tiranos a recuar.

A MAIOR HONRA

No nosso povo termina o ano com um novo galardão, motivo de orgulho e justificada alegria: a concessão do Prêmio Stálin da Paz à brasileira Elisa Branco. Saudando o acontecimento, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz traduziu os sentimentos de nossa gente ao dizer: «A honra conferida à pessoa de Elisa Branco é, pois, um prêmio ao esforço de todos os brasileiros em favor da cessação da atual tensão internacional, em prol da Paz.»

Quem Ameaça a Paz?

Fatos incontestáveis estão aí para provar quem é, na realidade, o agressor »



Os Estados Unidos

...intensificam a produção de armamentos, recusam-se a reduzir os armamentos e as forças armadas.

— 74% do orçamento americano do ano de 1952 são para a produção de material de guerra e despesas militares.

... não aceitam a proibição das armas atômicas e bacteriológicas e aumentam sua produção.

— Os americanos lançam bombas microbianas contra os coreanos e chineses, negam-se a ratificar a Convenção de Genebra que proíbe as armas de destruição em massa, e experimentam a Bomba de Hidrogênio.

... recusam-se a conduzir um Pacto de Paz no qual se comprometam com as outras grandes potências a não ir à guerra.

— A delegação americana na ONU repeliu as propostas de um Pacto de Paz, todas as vezes que foram apresentadas. A última recusa americana foi na Sétima Assembléia da ONU, em outubro de 1952.

... realizam alianças militares agressivas com vários países visando uma guerra contra a União Soviética.

— Os americanos reuniram vários países da Europa no Pacto do Atlântico, criando o Exército Europeu, do qual participam os nazistas.

... atacaram a Coreia, ocuparam esse país com tropas americanas e não querem um armistício para fazer cessar esta guerra.

— 90% das tropas que lutam na Coreia sob a bandeira da ONU são americanas. Os americanos interromperam as negociações de armistício e não querem recomeçá-las.

... ocupam território chinês e têm tropas em vários países da Europa e da Ásia, além de 400 bases por todo o mundo.

— Forças navais e aéreas americanas ocupam a ilha chinesa de Formosa, há bases e tropas americanas na Inglaterra, França, Itália, Turquia, Grécia, Islândia, Japão, etc.

«Por toda uma série de ações agressivas, os EE. UU. agravaram a situação internacional, fazendo pesar sobre o mundo o perigo de uma nova guerra. Os governantes dos Estados Unidos formularam com suficiente franqueza os objetivos de sua orientação agressiva. Desde 1945, pouco depois de sua posse na Presidência dos Estados Unidos, Truman declarou: «A vitória colocou o povo norte-americano diante da necessidade permanente e aguda de dirigir o mundo.»

A União Soviética

... bate-se na ONU pela redução de um terço dos armamentos e das forças armadas de todos os países.

— 80% do orçamento soviético são para as despesas com saúde, educação e obras públicas (centrais elétricas, canais navegáveis, etc.)

... propõe repetidas vezes a proibição do emprego de todas as armas atômicas e bacteriológicas.

— O governo soviético ratificou a Convenção de Genebra que proíbe as armas de extermínio em massa, e em todas as Assembléias Gerais da ONU propõe a proibição das armas atômicas e bacteriológicas.

... apresentou a proposta de um Pacto de Paz no qual os Estados Unidos, a Inglaterra, a União Soviética, a França e a China assumam o compromisso de não recorrer à guerra.

— O representante da União Soviética na ONU propôs esse Pacto nas Quarta, Quinta, Sexta e Sétima Assembléias Gerais das Nações Unidas, em 1949, 1950, 1951 e 1952.

... realiza alianças defensivas com outros países, destinadas expressamente a impedir que seja desencadeada uma nova guerra de agressão pela Alemanha ou pelo Japão.

— Os tratados da União Soviética com a China, a Polónia, a Tchecoslováquia, etc., têm como fim exclusivo impedir uma nova agressão japonesa, ou alemã.

... não tem tropas lutando em parte alguma do mundo desde o fim da guerra mundial, e propôs várias vezes a cessação da guerra na Coreia.

— Desde 1945 nenhum soldado russo disparou um tiro fora das fronteiras soviéticas. Foi o delegado soviético na ONU, Jacob Malik, quem propôs em junho de 1951 as conversações para o armistício na Coreia.

... não invadiu território de nenhum país nem possui nenhuma base militar em qualquer país estrangeiro.

— Não há tropas soviéticas em nenhum país, a não ser em alguns países ocupados em consequência da guerra mundial — Alemanha, Austría, etc. Depois da guerra, as tropas soviéticas se retiraram da China, Coreia, Noruega, Tchecoslováquia, Iugoslavia e Bulgária.

«A atitude da U.R.S.S. a respeito dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da França e dos outros Estados burgueses é clara, e esta atitude tem sido mais de uma vez objeto de declarações de nossa parte. Hoje também a União Soviética está disposta a cooperar com estes Estados para que sejam respeitadas as regras internacionais de paz e em vista de assegurar uma paz sólida e duradoura.»
«A União Soviética é pela aplicação de essas medidas, pela perspectiva da paz entre os povos.»

(TRECHOS DO INFORME DE J. MALENKOV, SECRETÁRIO DO C. CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, APRESENTADO AO XIX CONGRESSO DO PARTIDO E PUBLICADO EM "VOZ OPE- RÁRIA" DE 7 DE NOVEMBRO DE 1952 E NA REVISTA "PROBLEMAS" Nº 42, DE SETEMBRO-OUTUBRO 52)

Estude, Discuta e Divulgue o Informe de J. Malenkov

OS FATOS CONFIRMAM AS PALAVRAS DE PRESTES

Não é por acaso, certamente, que Luiz Carlos Prestes ganhou o título de CAVALEIRO DA ESPERANÇA. Isso não é coisa que possa ser inventada ou imposta por algumas pessoas. Títulos como esse são padrões de glória que os povos concedem a seus líderes quando vêem que estão realmente diante de alguém que encarna suas aspirações mais profundas. É por isso que nem a censura e o estado de sítio, antes de 30; nem a campanha de silêncio feita sobre Prestes quando aderiu ao comunismo; nem a tremenda campanha de difamação com que seu nome foi coberto após a derrota do movimento de 1935; nem os insultos com que, ainda hoje os pigmeus, procuram empanar sua glória — nada disso conseguiu nem consegue impedir que os brasileiros se voltem para sua figura legendária, estejam sempre ansiosos por suas palavras. E estas não faltam. São palavras claras, serenas, elucidativas. Palavras orientadoras, que guiam o povo em suas lutas. Advertências precisas que os fatos se incumbem logo de confirmar.

O PROGRAMA DA ALIANÇA LIBERAL

Março de 1930. Uma grande parte do povo brasileiro, desejosa de abrir caminho para o progresso do país, forma sob a bandeira da Aliança Liberal. A quase totalidade dos «elementos» que desde 1922 vinham participando de movimentos armados contra o governo, adere ao movimento. Prestes, mais esclarecido, marcha contra a corrente e adverte:

«A revolução brasileira não pode ser feita com o programa anódino da Aliança Liberal. Uma simples mudança de homens, um voto secreto, promessa de liberdade eleitoral, de honestidades administrativas, de respeito à Constituição e moeda estável, e outras panacéias, nada resolvem, nem podem de maneira alguma interessar a maioria da nossa população.»

Um ano mais tarde, quantos haviam votado em Getúlio, quantos haviam pegado em armas para conduzi-lo ao poder já se davam conta de que seu entusiasmo e suas esperanças haviam sido fraudados. Tudo não passara de uma substituição de homens no governo. O país continuava a ser devorado pelo imperialismo e pelo latifúndio, as grandes massas da população continuavam a sofrer como antes. O aparelho de Estado também continuava a constituir fonte de negociações de toda ordem.

TERROR CONTRA O POVO

A 5 de julho de 1935, num manifesto que repercutiu profundamente em todo o Brasil, Prestes denunciava os verdadeiros intuídos do governo de Getúlio:

«Um governo abertamente fascista — essa a grande ameaça que se prepara, entre as classes dominantes, contra o Brasil.»

O fechamento da A. N. L. poucos dias mais tarde, a prisão de centenas de patriotas em todo o país, a aplicação da lei-monstro contra os que combatiam o integralismo e o imperialismo comprovavam que Prestes estava certo. Isso ainda ficou mais claro após a derrota do movimento armado de novembro. Ao lado dos comunistas e aliancistas, o governo de Getúlio, que marchava escancaradamente para o fascismo atirou-se contra outros políticos de oposição e tratou de desmoralizar o Congresso, obrigando-o a votar a sucessão de «estados de guerra» sem guerra, que conduziram até à implantação do Estado Novo.

AS CANDIDATURAS DE 1945

A reconquista das liberdades democráticas, em 1945, colocou o povo brasileiro diante da questão do caminho a ser escolhido para a estruturação de um novo governo. Mais uma vez as classes dominantes procuraram limitar tudo a uma simples substituição de homens. Por isso, enquanto as forças da reação se dividem entre duas candidaturas à presidência, Prestes e os comunistas reclamam a convocação de uma Constituinte com poderes soberanos.

Prestes combate ambas as candidaturas e diz claramente, às vésperas das eleições, em Recife:

«... as forças diretoras, as que orientam essas candidaturas, são profundamente reacionárias. A linguagem dos candidatos, o que dizem seus boletins, é bastante para que o povo conheça o sentido reacionário e fascista dos dois candidatos.»

Logo depois, denunciava o significado da vitória de Dutra.

«Sabemos bem o que significa essa vitória e não temos dúvida quanto ao caráter tremendamente reacionário das forças políticas agrupadas por trás da candidatura vencedora.» (Informe ao C. N., em janeiro de 1946).

Os fatos comprovariam em breve as afirmações do es-



LUIZ CARLOS PRESTES EM 1924

marada Prestes. Assassinatos em praça pública, dissolução violenta de comícios, assaltos aos jornais democráticos, cassação do registro eleitoral do P. C. B., cassação dos mandatos dos deputados do povo e tantos outros crimes tornaram logo claro para as grandes massas o verdadeiro caráter do governo de Dutra. E quanto ao seu opositor eleitoral, o brigadeiro Ednao Gomes, o que é certo é que sempre prestigiou a ação reacionária do governo, jamais elevou sua voz para protestar contra os crimes que, não raro, atingiam em cheio elementos que ainda há pouco o haviam apoiado.

A CANDIDATURA DE GETULIO

E quando novamente a questão da sucessão presidencial foi colocada, outra vez Prestes advertiu os brasileiros no Manifesto de Agosto (1.º de agosto de 1950).

«Os mesmos políticos que sempre estiveram unidos contra o povo, que sempre apoiaram a política de traição nacional de Dutra, os mesmos políticos do acordo inter-partidário e da cassação de mandatos, acenam agora diante das massas populares suas divergências e formam em bandos aparentemente contrários e irreconciliáveis. E, logo: «Sob o jugo imperialista, como nos encontramos, nem eleições nem golpes de estado «salvadores» poderão modificar a situação. O que pretendem as classes dominantes é substituir Dutra por outro Dutra.» E,

concretamente, sobre Getúlio: «É fácil de imaginar o que significaria a volta ao poder do velho tirano, do latifundiário Getúlio Vargas, pai dos tubarões dos lucros extraordinários, que já demonstrou em quinze anos de governo seu ódio ao povo e sua vocação para o fascismo e para o terror sangrento contra o povo.»

Representada a farsa, os brasileiros se dão conta hoje, em toda sua extensão da verdade contida nas palavras de Prestes. A repressão armada da greve dos ferroviários do Rio Grande do Sul e do movimento do povo gaúcho contra a carestia, os assassinatos de trabalhadores em luta por aumento de salários, como aconteceu com Altair Paula Rosa, as perseguições aos militares patriotas de acordo com planos traçados e supervisionados por agentes norte-americanos, as torturas monstruosas infligidas aos presos políticos, a entrega cada vez mais cínica do país aos americanos — essa a realidade do governo de Getúlio contra o qual nosso povo luta.

CARESTIA E INFLAÇÃO

A precisão com que Prestes analisa os fatos políticos não é menor ao abordar os problemas do povo. Em 1946, quando o governo fazia enorme demagogia em torno de uma pretensa luta contra a carestia, dizia Prestes:

«A crise financeira e econômica, no ponto a que já chegamos, não é mais possível fazer frente com paliativos e simples decretos-leis mais ou menos formais, inócuos ou impraticáveis. A carestia e a inflação estão a exigir medidas práticas e urgentes...» (Discurso na Constituinte, maio de 1946). E, dois meses depois, dirigindo-se à III Conferência Nacional do Partido: «Agrava-se rapidamente a situa-

ção, cujos salários perdem, com rapidez cada vez maior, o poder de compra capaz de assegurar o baixo nível de vida habitual.»

A realidade confirmou as palavras de Prestes. Vejamos alguns fatos: o papel moeda em circulação, que em 1945 já andava pela casa dos 18.000.000.000 de cruzeiros subiu a 30.000.000.000 nos anos do governo de Dutra, e nos dois anos do governo de Getúlio, continuando a crescer no mesmo ritmo, atingiu os ... 36.000.000.000. O índice preços cresce tão rapidamente que de acordo com dados oficiais da prefeitura de São Paulo, tomando-se como base o ano de 1939 igual a 100, o custo da vida atinge hoje 493. E é o próprio governo quem reconhece que de novembro de 48 a março de 52, o custo da vida no Distrito Federal subiu de 70%. E em um único ano, de outubro de 51 a outubro de 52 — em pleno governo de Getúlio — o aumento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, que é o que mais pesa na vida dos trabalhadores, subiu de 47% (Relatório de Israel Pinheiro à Câmara dos Deputados). Enquanto isso, os salários marcam passo.

AS «SOLUÇÕES» DA REAÇÃO

Prestes mostra claramente a inanidade das medidas

AS VERDADEIRAS CAUSAS DO NOSSO ATRASO

Mas, Prestes não se limitava a fazer a crítica. Prestes apontava também as verdadeiras causas da situação difícil de que o povo era vítima e a solução real do problema. Isso ele fez em 1930 e 31, isso ele o fez em 1935.

Em 45, no Pacaembu, Prestes analisava e dizia: «O que é incontestável é que o grande latifúndio, a grande propriedade, monopólio de uma minoria de exploradores, constitui a causa fundamental do atraso do país. São milhões de seres humanos que vivem afastados do mercado fator nulo em nossa economia, porque, na verdade, nada vendem, nem compram, mal plantam para comer, porque a metade e as vezes mais do que produzem pertence, por direito feudal, aos donos da terra, aos grandes fazendeiros que ainda hoje exercem predomínio no governo do país.» (Discurso de Pacaembu).

E Prestes acrescenta:

«Mas, além do latifúndio, dificulta também e impede o nosso desenvolvimento econômico a dominação do capital estrangeiro... É o imperialismo que explora impiedosamente os povos dos países potencialmente ricos, mas na verdade ainda atrasados e cada vez mais atrasados. Sua ação é, no fundamental, prejudicial à economia nacional, ao progresso, já que deforma, segundo seus interesses, os rumos da economia nacional. Os lucros, sempre exagerados, ou são enviados para o estrangeiro ou, no caso de aplicação no país, servem para justificar lucros futuros, cada vez maiores.» E depois de examinar o caso da Light, citando o relatório de uma comissão governamental segundo a qual o custo do quilote vendido de Cr\$ 0,03, continua: «O poder dos trustes, dos monopólios, dos grandes banqueiros, é suficiente para tudo dominar. É o sítio bôrn dos homens e a espionagem, e as perseguições aos que se não dobram» (O Problema da Terra e a Constituição de 1946).

A REALIDADE DO LATIFÚNDIO E DO IMPERIALISMO

O problema da terra — o latifúndio — é tão imperioso que o governo não pode deixar de falar nele. E para resolvê-lo — ou antes — para justificar diante do povo o fato de que nenhuma medida efetiva seja tomada para resolvê-lo, criou uma caricata Comissão Nacional de Política Agrária. Entretanto, o problema se agrava cada vez mais. É o que ainda recentemente reconhecia o sr. Israel Pinheiro, em seu relatório, embora sem usar — naturalmente por boas razões — a palavra latifúndio:

«O Brasil está dividido em duas civilizações — dez milhões de brasileiros que têm a ventura de viver nas cidades litorâneas e quarenta milhões que habitam os campos e não obtêm sequer um padrão de vida mínimo...» E logo: milhões de brasileiros vivem ainda no interior, em condições incompatíveis com aquele mínimo essencial, e que apenas produzem para sobreviver, mas que nada juntam ao patrimônio comum da economia nacional. Apesar do temor às palavras, o sr. Israel Pinheiro é obrigado a retratar a realidade. Uma realidade trágica, porque a verdade é que o latifúndio no Brasil, longe de diminuir, aumenta. Ainda recentemente o «Correio da Manhã» (edição de 21-12-52) chegava à conclusão, na base de uma ligeira análise dos dados do último censo, de que em sete unidades federadas — São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Maranhão, Ceará e Amazonas — a concentração da propriedade rural — numa palavra, o latifúndio — aumentou de 1940 para 1950.

Quanto ao imperialismo, os males que representa para a economia nacional são tão sérios que já não podem ser encobertos. Análises difundidas pelo próprio governo (relatório do Banco do Brasil, discursos de Getúlio, etc.) confirmam que enquanto nos anos de 1947 a 1951 entraram cerca de

Ano Bom!

